

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS SOBRE

GÊNERO E DIVERSIDADE



ORGANIZADORES

DANIEL MANZONI DE ALMEIDA
DAVI GUSTAVO SANCHES SILVA
JOÃO RODRIGO SANTOS SILVA



DANIEL MANZONI DE ALMEIDA
DAVI GUSTAVO SANCHES SILVA
JOÃO RODRIGO SANTOS SILVA
ORGANIZADORES

SEQUENCIAS DIDÁTICAS SOBRE GÊNERO E DIVERSIDADE



Editora Na Raiz
São Paulo
2020



EDITORA NA RAIZ

EDITOR-CHEFE: PROF. DR. VALDIR LAMIM-GUEDES

CONSELHO EDITORIAL

PROF. DR. ALEXANDRE MARCELO BUENO (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE) | PROFA. DRA. ANNIE GISELE FERNANDES (USP) | PROF. DR. ANTÔNIO MANUEL FERREIRA (UNIVERSIDADE DE AVEIRO, PORTUGAL) | PROF. DR. CARLOS JUNIOR GONTIJO ROSA (USP) | PROFA. DRA. DEBORAH SANTOS PRADO (CENTRO UNIVERSITÁRIO SENAC) | PROF. DR. FÁBIO AUGUSTO RODRIGUES E SILVA (UFOP) | PROF. DR. FELIPE W. AMORIM (UNESP) | PROFA. DRA. FLAVIA MARIA CORRADIN (USP) | PROF. DR. FRANCISCO SECAF ALVES SILVEIRA (UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI) | PROF. DR. HORÁCIO COSTA (USP) | PROF. DR. JAVIER COLLADO RUANO (UNIVERSIDAD NACIONAL DE EDUCACIÓN, EQUADOR) | PROF. DR. JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES (UNIVERSIDADE DE COIMBRA, PORTUGAL) | PROF. DR. MARCOS PAULO GOMES MOL (FUNDAÇÃO EZEQUIEL DIAS) | PROF. DR. PEDRO ROBERTO JACOBI (USP) | PROF. DR. RENATO ARNALDO TAGNIN (FACULDADES OSWALDO CRUZ) | PROFA. DRA. SUZANA URSI (USP) | PROFA. DRA. YASMINE ANTONINI (UFOP)

Contatos

 <https://editoranaraiz.wordpress.com/>

 lamimguedes@gmail.com

A447c Almeida, Daniel Manzoni de
Sequências Didáticas sobre Gênero e
Diversidade [livro eletrônico] / Daniel
Manzoni de Almeida; Davi Gustavo Sanches
Silva; João Rodrigo Santos Silva
(Organizadores). São Paulo: Editora Na
Raiz, 2020.

148f.; 14,8 x 21 cm; pdf

ISBN 978-65-88711-03-3

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.4254204>

1. Diversidade. 2. Sequência didática.
1. Título.

CDD: 370

SUMÁRIO



05

**PREFÁCIO
EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE:
SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS**

Helder Thiago Maia

09

APRESENTAÇÃO

Daniel Manzoni de Almeida | Davi Gustavo Sanches
Silva | João Rodrigo Santos Silva

12

**1. DISCUTINDO DIMENSÕES DO GÊNERO
COM ESTUDANTES DE PSICOLOGIA**

Ângela Esteves Modesto

27

**2. TRANS(VIADO): LICENCIATURA EM
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS ENTRANDO NO
QUEER**

Charlie Drews Tomaz dos Santos

36

**3. REFLEXÕES ATUAIS SOBRE SEXUALIDADE,
GÊNERO E DIVERSIDADE NOS CURSOS DE
GRADUAÇÃO EM MEDICINA E ENFERMAGEM**

Davi Silva Vale Nascimento

46

**4. EXERCÍCIO
DA ALTERIDADE E UMA ANÁLISE SOBRE A
PARADA DO ORGULHO LGBT DE SÃO PAULO**

Elisangela Peña Munhoz

SUMÁRIO



59

5. MATERNIDADE E PATERNIDADE: O ATRAVESSAMENTO DE PAPÉIS DE GÊNEROS NA INTERPRETAÇÃO DE CASOS CLÍNICOS

Helena Amstalden Imanishi

71

6. DESAFIOS NA FORMAÇÃO DE PSICÓLOGOS DIANTE DA INCLUSÃO DA POPULAÇÃO LGBTQIA+

Juliana Santos Graciani

91

7. QUESTÕES SOBRE GÊNERO: UMA REFLEXÃO SOBRE A DIVERSIDADE NAS EMPRESAS

Luciana de Magalhães Pereira

102

8. DRAGS: PERFORMANDO QUEENS E KINGS

Manuel Fabrício Alves de Andrade

116

9. DRAG E MODA: PERFORMATIVIDADE E TECNOLOGIA DE GÊNERO

Natalia Rosa Epaminondas


130

10. ERRE, DE RESPEITO. RESPEITO AO PRÓXIMO, RESPEITO À DIVERSIDADE

Roseli Trevisan Campos

144

ORGANIZADORES E AUTORES

A vertical bar on the left side of the page, composed of horizontal stripes of the rainbow colors: purple, blue, green, yellow, orange, and red.

Prefácio Educação e Diversidade: Sequências didáticas

Helder Thiago Maia



O livro que você terá acesso agora, organizado pelos professores, Daniel Manzoni de Almeida, Davi Sanches Silva e João Rodrigo Santos Silva, é um conjunto de propostas pedagógicas, para diversas áreas do saber, cuja proposta ética principal é pensar o gênero e a sexualidade para além das violências normativas da cisgeneridade e da heteronormatividade.

Sequências didáticas sobre gênero e diversidade é resultado da Oficina de Formação Continuada em Sexualidades e Gêneros, que ocorreu em junho de 2020 e contou com a participação de doze docentes de diversas áreas do saber. Ao longo da oficina, os professores não só foram estimulados a trocarem experiências, vivências e reflexões sobre gênero e sexualidade no espaço da sala de aula, mas também a produzirem sequências didáticas que abordssem o tema a partir de suas respectivas áreas de atuação.

Sabemos que, no campo da Educação, os estudos de gênero e sexualidade são uma área de pesquisa relativamente consolidada no Brasil, apesar dos recentes e recorrentes esforços governamentais em desacreditá-la e desorganizá-la. Nesse sentido, devemos a Guacira Lopes Louro, e ao seu *Um corpo estranho* (2004), por exemplo, os primeiros esforços para a inclusão das teorias queer tanto na Educação quanto em outras áreas do saber.

No entanto, apesar dos dezesseis anos que nos separam dessa pioneira publicação de Guacira, e da grande quantidade de saberes acumulados nesse período, de onde podemos destacar, no Brasil, os trabalhos de Richard Miskolci (2012), Luma Andrade (2015) e Thiffany Odara (2020), o livro *Sequências didáticas sobre gênero e diversidade* ainda é uma grande novidade para a educação brasileira,

uma vez que está pensado e organizado, sem abrir mão de um *corpus* teórico, para a prática da sala de aula.

O livro, portanto, é uma contribuição importante não só para os estudos de gênero e sexualidade, mas também para a formação de professores e para a prática da sala de aula. As sequências didáticas apresentadas aqui, no entanto, não devem ser entendidas como modelos engessados, ao contrário, são antes pontos de partida, possibilidades didáticas, que podem servir àqueles que se aventuram tanto na construção de uma sala de aula que valoriza a diversidade quanto na formação de profissionais que respeitam os direitos humanos.

Há aqui sequências didáticas valiosas para os campos da Psicologia, o que inclui pensar o gênero para além da individualidade, em suas conexões com a maternidade e a paternidade, assim como a prática clínica de atendimento a pessoas LGBTQIA+; da Administração, que incluem pensar a diversidade no espaço empresarial, preparando futuros profissionais para ambientes diversos, estimulando-os inclusive a produzirem programas de inclusão; da Moda, o que inclui produzir um pensamento crítico sobre a mesma, entendendo-a como uma “tecnologia de gênero” que também pode ser questionadora de normatividades; do Direito, o que compreende pensar justiça social e cidadania a partir de questões de gênero e sexualidade; do Teatro, o que inclui pensar que o gênero é também uma prática de montagem; das Ciências Biológicas, que não só pensa a desbiologização das questões de gênero e sexualidade, mas também entende-as como afeto; e da Medicina e Enfermagem, que se propõem a pensar a atenção integral à saúde de pessoas LGBTQIA+.

Esperamos, assim, nós, leitores, autores e organizadores, que o livro encontre novos leitores, que sejam igualmente críticos e hábeis, para transformarem essas sequências didáticas em uma ética, uma práxis, capaz de produzir acolhimento onde há violência, diversidade onde há homogeneidade, equidade onde há hierarquias.

Referências

ANDRADE, Luma. **Travestis na escola**: assujeitamento e resistência à ordem normativa. Rio de Janeiro: Metanoia Editora, 2015.

LOPES LOURO, Guacira. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. São Paulo: Autêntica Editora, 2004.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. São Paulo: Autêntica Editora, 2012.

ODARA, Thiffany. **Pedagogia da desobediência**: travestilizando a educação. Salvador: Devires, 2020.

Apresentação

Daniel Manzoni de Almeida

Davi Gustavo Sanches Silva

João Rodrigo Santos Silva



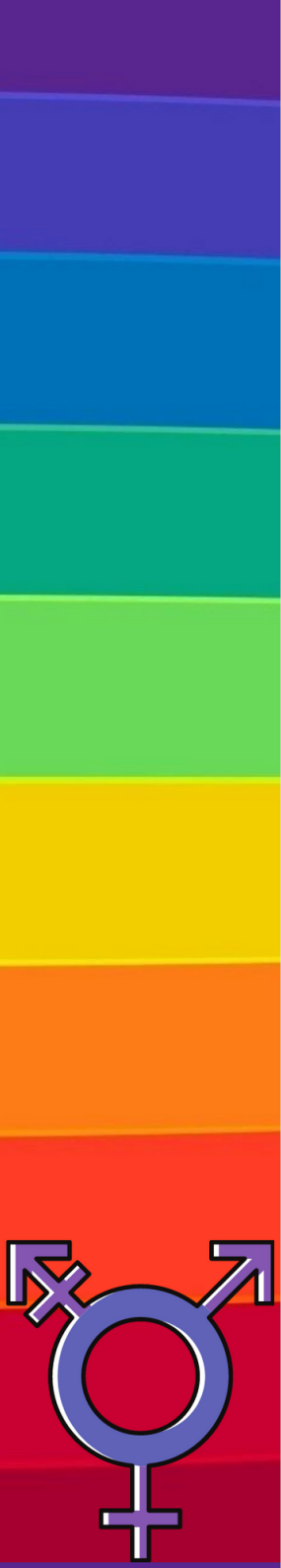
As questões de gêneros e sexualidades ganharam espaço significativo nos debates da sociedade contemporânea. O campo educacional, em especial o superior de formação profissional, não escapou a responsabilidade de possibilitar a formação sensíveis e empáticos a tal importantes questões. Ainda, o mundo da atualidade nos convida a uma postura multidisciplinar em que a temática de gêneros e sexualidade possa estar em diálogo de ensino e educação com todas as áreas do saber e do conhecimento. Como articular essa temática com as mais diversas áreas de formação de profissionais para a sociedade brasileira? É uma questão que pode ser respondida por meio da formação de professores e professoras sensibilizadas e engajadas com o tema. Dessa forma, no primeiro semestre de 2020, em meio à turbulenta pandemia da COVID-19 no Brasil, o Núcleo de Gêneros e Sexualidades (NUGE) do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), coordenado pelo professor Daniel Manzoni de Almeida, promoveu a I oficina de construção de sequências didáticas multidisciplinares em ensino de gêneros e sexualidades.

E por que não publicizar tais sequências? Esta pergunta remete ao movimento de apresentar possibilidades didáticas para diferentes formações e que a temática de gênero e sexualidade faz parte de todas as formações profissionais. Os dez capítulos que compõem o livro são resultados do pensamento e produção dos professores e professoras que participaram da oficina do NUGE. Temos capítulos que abordam sequências didáticas para os cursos de administração de empresas, moda, artes visuais, direito e dos cursos da área da saúde, por exemplo, de psicologia. As sequências didáticas

aqui apresentadas representam uma amostra e uma aposta de que estas questões estarão constantes nos processos formativos futuros.

Ao mesmo tempo que apresentamos o olhar atento de professoras e professores para em diferentes formações profissionais envolvendo questões de gênero e sexualidade. O nosso objetivo com esse livro é proporcionar, via educação, a sensibilização de uma nova geração de profissionais mais empáticos e comprometidos com as questões de gêneros e sexualidades.

Boa leitura!

A vertical bar on the left side of the page, composed of horizontal stripes of the rainbow colors: purple, blue, green, yellow, orange, and red.

1. Discutindo dimensões do gênero com estudantes de psicologia

Ângela Esteves Modesto



Introdução

A teórica Joan Scott é autora da definição bastante difundida de gênero, segundo a qual “é a organização social da diferença sexual” (SCOTT, 1994, p.13). O gênero não implementa diferenças fixas entre os sexos, mas é “o saber que estabelece significados para as diferenças corporais” (Idem). Em seu texto, que apresenta o gênero como uma categoria de análise histórica, ela identifica como uma das abordagens utilizadas pelas feministas aquela inspirada nas “diferentes escolas de psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito” (SCOTT, 1995, p.77). O problema dessa utilização para a análise histórica dos processos seria, segundo a autora, que o conceito de gênero estaria limitado à esfera da família e à experiência doméstica e pouco associado a outros sistemas sociais, políticos, econômicos ou de poder. Bem, podemos assumir que a crítica de Scott é a mesma de algumas correntes ou grupos na psicologia brasileira, de psicanalistas inclusive, que entendem que para corresponder às demandas que a sociedade apresenta é necessário superar a ideia de uma psicologia centrada no indivíduo³.

Alguns estudos se dedicaram a compreender como essa articulação entre os campos do Gênero e da Psicologia estava ocorrendo e chegaram a constatações não muito satisfatórias. Amâncio (2001) identifica a história dessa articulação nas Psicologias

3 Recomenda-se, para aprofundamento desta questão: LANE, Silvia T. Maurer. A psicologia social e uma nova concepção de homem para a psicologia. In: Lane, Silvia T. M., Codo, Wanderley. (orgs). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1999. pp. 58-75. Primeira edição em 1984.

europeias e americanas, que influenciaram em larga escala a Psicologia brasileira, entre o que chamou de desencontros e rupturas. Para a autora, pautada em Moscovici (1981)⁴, a Psicologia seria resistente a uma mudança decorrente da apreensão do gênero enquanto sistema de conhecimento sobre o sexo, pois isso deslocaria o foco das investigações das pessoas (perfis individuais ou coletivos) para os processos. O gênero seria tomado como aquilo que dá sentido às identidades sexuais, aos objetos e aos contextos sexuais e, assim, os próprios contextos experimentais seriam passíveis de interpretação à luz do gênero. A crítica de Amâncio parece conter o mesmo desejo de mudança no emprego do gênero como categoria de análise que propunha Scott: “O que está faltando é uma forma de conceber a ‘realidade social’ em termos de gênero” (SCOTT, 1995, p.82).

Possivelmente, por razões fortemente atreladas à ideia de uma psicologia centrada no indivíduo e sua ampla difusão em cursos de formação de psicólogos, o conceito de gênero por inúmeras vezes acaba circunscrito, na prática e pesquisa psicológicas, a características individuais, à esfera da família e à experiência doméstica e é pouco utilizado para compreender outros sistemas: sociais, políticos, econômicos ou de poder, estratégia fundamental para a ampla apreensão contextual de fenômenos com os quais lida esta profissional⁵. Para compreender as complexas demandas que a

4 Moscovici, S. (1981). On social representations. In J. P. Forgas (Ed.), **Social cognition: Perspectives on everyday understanding**. Londres: Academic Press.

5 Usarei o termo no feminino quando for me referir ao grupo de profissionais da área, pois de acordo com a publicação A Psicologia Brasileira Apresentada em Números, do Conselho Federal de Psicologia (CFP), as mulheres são maioria em

sociedade apresenta é necessário transpor a ideia de uma psicologia centrada no indivíduo e complexificar a análise das relações sociais.

O gênero pode nos ajudar nesse caminho. A historiadora Joan Scott é autora de uma definição bastante difundida de gênero, a ser adotada neste trabalho, segundo a qual “é a organização social da diferença sexual” (SCOTT, 1994, p.13), ou um tipo de saber por meio da qual se estabelecem significados para características corporais.

Por que discutir a temática de gênero na formação das psicólogas?

Santos (2016), em levantamento acerca da institucionalização da discussão sobre gênero no sistema de conselhos de psicologia, resgata a penetração da temática pela via do compromisso com os direitos humanos e a criação de comissões específicas promovendo tal debate. Por outro lado, a autora destaca a timidez com que a temática de gênero tem aparecido em eventos e congressos de psicologia e diz, ainda, que é preciso considerar que as discussões de gênero na sociedade repercutem em padrões culturais e modos de subjetivação que demandam mudanças no fazer profissional de psicólogas e psicólogos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Cursos de Graduação em Psicologia (CNE/CES 5/2011⁶) estimulavam o “reconhecimento da diversidade de perspectivas necessárias para compreensão do ser humano e incentivo à interlocução com campos

todos os estados brasileiros. Disponível em:

<http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>. Acesso em: 28 set. 2020.

⁶ Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7692-rces005-11-pdf&Itemid=30192. Acesso: 30 set. 2020.

de conhecimento que permitam a apreensão da complexidade e multideterminação do fenômeno psicológico” (p. 1), o que presumia abertura da Psicologia para dialogar com outras áreas, bem como motivava a construção do conhecimento a partir desse diálogo.

Recentemente, foi divulgado o Relatório Final de Revisão das Diretrizes (CRP, 2018), processo que resultou num documento que buscou oferecer respostas concretas a alguns dos incômodos e desacordos relativos aos distintos vieses da formação. A nova versão proposta, que substituiria o documento anterior, de 2011, traz como um dos fundamentos para a formação profissional o seguinte compromisso:

compreensão de diferentes contextos, considerando a desigualdade estrutural do Brasil (questões étnico-raciais, de classe, do patriarcado e de gênero), bem como as dimensões geracionais, da diversidade sexual, dos direitos das pessoas com deficiência, as necessidades sociais e os princípios da ética profissional, tendo em vista a defesa e a promoção da cidadania, assim como das condições de vida digna dos indivíduos, grupos, organizações, comunidades e movimentos sociais (CRP, 2018, p.115)

A revisão, que contou com participação de representantes das entidades de Psicologia, estudantes e profissionais, tornou explícita na minuta das novas diretrizes um movimento que já se fazia notar na formação de psicólogas no sentido de incorporar a temática de gênero, entre outras que marcam as desigualdades no Brasil (ESPINHA, 2017; SANTOS; SCHUCMAN; 2015).

Em que momento da formação introduzir o assunto?

A atividade didática proposta a seguir pode ser aplicada a qualquer momento da formação em psicologia, contanto que sua condução seja capaz de mediar tanto conhecimentos incipientes quanto contribuições mais complexas sobre as habilidades necessárias a uma psicóloga.

Como sugestão, pode ser bem incorporada a conteúdos abordados em disciplinas voltadas à pesquisa (Técnicas de Pesquisa em Psicologia, Metodologia Científica); também àquelas dedicadas à análise de casos e situações problema, pois se trata de praticar o emprego dessas diferentes dimensões do gênero como ferramentas para a interpretação da realidade social.

Tema da aula

A sequência didática abordará as diferentes dimensões do gênero e como podem ser utilizadas por psicólogas como ferramentas para interpretar a realidade social.

Tais dimensões ajudariam a psicologia a olhar para si mesma, como instituição, ciência e profissão, com lentes de gênero. Em 1984, Fúlvia Rosemberg (1984) ao explicar por que somos tantas psicólogas levou em consideração aspectos da realidade social, como a instabilidade no mercado de trabalho da época, que poderia conduzir mais mulheres que homens a escolher profissões assistenciais, educacionais ou paramédicas, como a Psicologia, para que o conhecimento adquirido na graduação não ficasse obsoleto caso as mulheres não se inserissem no mercado formal de trabalho ou perdessem o emprego. O conteúdo aprendido em cursos dessa

natureza poderia ser útil na criação dos filhos ou no cuidado com idosos da família, tarefas em geral não remuneradas e historicamente realizadas por mulheres. Esse exemplo ajuda a ver que as pessoas são ativas em relação às estruturas de gênero com as quais precisam lidar cotidianamente. As mulheres psicólogas pesquisadas por Rosemberg nos anos oitenta agiam (escolhiam a profissão) sob uma estrutura de gênero (que as direcionava ao trabalho doméstico) no sentido de beneficiar-se de algum modo dela, aprendendo uma profissão que lhes fosse útil na vida doméstica e ao mesmo tempo pudesse ser fonte de renda caso tivessem oportunidade ou necessidade de trabalhar.

O exercício reflexivo que a autora faz acerca da psicologia pode ser base para reflexões que estudantes precisarão fazer ao longo de sua trajetória acadêmica, aprendendo a analisar e tomar decisões a partir de informações subjetivas e dados de contexto, tendo o gênero como categoria de análise.

Conteúdo

O conteúdo da aula será focado nas dimensões do gênero. Sandra Harding (1986) explica três aspectos decorrentes de processos diferentes e complementares do gênero que podem ser utilizados para conceber a realidade social. De acordo com a autora, o primeiro aspecto é o **simbolismo de gênero**, resultado de um processo metafórico de atribuição de significados de gênero às dicotomias percebidas no mundo, tenham ou não a ver com as diferenças sexuais; o segundo aspecto, a **estrutura de gênero**, diz respeito à consequência desse modo de organizar a sociedade com base no simbolismo de gênero; e o terceiro aspecto é o **gênero individual**, ou seja, o molde

imperfeito das identidades socialmente construídas ao qual as pessoas mais ou menos correspondem, com os quais se relacionam e que transformam.

Na formação em psicologia, em geral, o terceiro aspecto – gênero individual – acaba sendo mais difundido e discutido, dada a ênfase em psicologia clínica e importância de discussões em torno do respeito à diversidade e inclusão, além da luta pela não patologização de identidades⁷ e contra métodos falaciosos como as psicoterapias de conversão, popularmente conhecidas como “cura gay”, sem qualquer comprovação científica⁸. Os demais aspectos – a dimensão estrutural e a simbólica do gênero – frequentemente ficam em segundo plano.

Objetivos

O objetivo geral da atividade é promover a estudantes de psicologia a utilização das diferentes dimensões do gênero para interpretar a realidade social.

Para isso, são objetivos específicos:

- Conhecer e compreender o aspecto simbólico do gênero;
- Conhecer e compreender o aspecto estrutural do gênero;
- Conhecer e compreender o aspecto individual do gênero em articulação aos outros aspectos.

7 Ganhou visibilidade, por exemplo, a luta pela não patologização das identidades trans. Disponível em:

http://www.crpso.org.br/portal/midia/fiquedeolho_ver.aspx?id=365. Acesso em: 28 set. 2020.

8 Para mais informações, consultar: <https://site.cfp.org.br/tag/cura-gay/>. Acesso em: 28 set. 2020.

Metodologia

1 – Chuva de ideias com todas as estudantes de um grupo ou sala de aula – 15 min

A pessoa responsável pela condução da atividade deverá estimular a participação das estudantes por meio da pergunta: “Quais são as habilidades que uma/um profissional da psicologia deve ter?”. As respostas devem ser escritas em local visível por todas. Posteriormente, devem ser escolhidas cinco habilidades entre as citadas para dar sequência à atividade.

Espera-se que sejam mencionadas habilidades como: ouvir atentamente, ser assertiva, ser acolhedora, ter empatia e até outras mais controversas, como manter a neutralidade, por exemplo⁹.

2 – Trabalho em subgrupos¹⁰ – 15 min

Separa-se o grande grupo em dois subgrupos, que receberão orientações distintas a partir da mesma lista de habilidades que deve ter a/o profissional em psicologia, definida anteriormente. A orientação a cada subgrupo deve ser dada de modo discreto, para que os demais subgrupos não escutem. São elas:

Subgrupo 1 – Deverá identificar quais das habilidades parecem mais masculinas e quais parecem mais femininas. O subgrupo deve anotar o que lhe acomete “de primeira”, sem muita reflexão. Por exemplo, o subgrupo pode concluir que “manter a

⁹ Neste trabalho, habilidade se refere ao saber fazer.

¹⁰ Esta etapa foi elaborada tendo como referência uma atividade concebida e aplicada pela Profa. Dra. Marília Carvalho que buscava justamente apreender esses simbolismos de gênero que passam despercebidos no cotidiano.

neutralidade” pareça mais masculino e “acolher” pareça mais feminino, mesmo que isso não faça sentido de imediato.

Subgrupo 2 – A partir das mesmas cinco habilidades previamente estipuladas, deverá identificar, sem pensar muito, quais das habilidades parecem mais fortes e quais parecem mais fracas, mesmo que não faça sentido de imediato. Por exemplo, pode-se determinar que “assertividade” pareça mais forte e “ouvir atentamente” pareça mais fraco.

3 – Discussão a partir dos resultados da atividade em subgrupos – 20 min

Dispostos no espaço presencial ou virtual de forma que possam dialogar, os subgrupos devem ser informados pela coordenação da atividade de que receberam tarefas distintas e saber quais foram elas. A/o coordenador/a da atividade deverá, então, verificar como cada um dos subgrupos classificou as cinco habilidades (masculina ou feminina – forte ou fraca) em um grande debate. Para facilitar, cada subgrupo pode eleger um orador. A coordenação da atividade deverá mediar essa apresentação e provocar os subgrupos visando sempre a trazer à tona fatos e tendências que podem ter passado despercebidas, mas que pautaram a interpretação da realidade e, conseqüentemente, as ações. Uma habilidade como “ouvir atentamente”, por exemplo, pode ter sido classificada como mais feminina por um subgrupo e mais fraca por outro. Por outro lado e no mesmo sentido, “manter a neutralidade” pode ter soado mais masculina e mais forte. A coordenação pode introduzir questões como: O que isso significa? Por que essas

associações são possíveis? Quais aspectos simbólicos e estruturais do gênero se podem apreender por meio dessa atividade?

4 – Apresentação de caso a ser estudado nos termos propostos pela exposição dialogada – 40 min (20 min em grupo, 20 min para discussão aberta)

Apresentação de um caso que propicie aos alunos desenvolverem interpretações variadas utilizando-se do gênero como categoria de análise nos três aspectos destacados por Harding (1986). Como exemplo, sugere-se:

Uma jovem estudante, que completou 18 anos em 2020, chega à clínica escola da faculdade para fazer psicoterapia. Na primeira sessão, ao falar de seus planos, ela manifesta o desejo de se casar, ter filhos e ser dona de casa. Ela diz que procurou atendimento psicológico por estar confusa em relação ao futuro.

As alunas deverão discutir o caso em duplas ou grupos mais numerosos e em seguida apresentar os principais aspectos levantados para a interpretação e condução do caso.

A coordenação deverá garantir que o debate gerado pela apresentação de diferentes interpretações passe necessariamente pelos seguintes aspectos:

Dependendo do regime de gênero de sua família, a jovem pode estar correspondendo a um modelo de mulher e esposa perfeitamente compatível com sua situação e oportunidades.

Por outro lado, se levarmos em consideração a expectativa e o regime de gênero instituído em sua escola (e na sociedade, de forma mais geral), notaremos facilmente que a jovem não corresponderia,

ao menos imediatamente, ao modelo esperado, de uma jovem que depois do ensino médio cursará uma faculdade, trabalhará, construirá uma carreira profissional e, depois, aventará ou não a possibilidade de casar e ter filhos.

O desejo dessa jovem, então, pode corresponder ao regime de gênero da família, reforçando-o, ao mesmo tempo em que resiste a um regime de gênero que espera de mulheres jovens quererem extrapolar as atividades domésticas.

A depender da rigidez do regime de gênero no âmbito familiar, essa jovem ao querer se casar pode estar inclusive buscando construir relações de gênero sob um regime menos rígido, conforme os valores de seu ou sua futuro(a) esposo(a), e neste caso o casamento poderia ser uma forma de resistir, burlar ou transformar um regime de gênero muito rígido.

Tal raciocínio nos permite uma visão mais ampla sobre como as pessoas se movimentam na vida interagindo em diferentes instituições, aprendendo e fazendo o gênero, assumindo que o desenvolvimento humano tem um caráter constantemente contraditório e não linear. Tal processo de feitura do gênero acaba configurando certas práticas de gênero na vida pessoal e a essas configurações, quando padronizadas em certo grau, chamamos masculinidade e feminilidade (CONNELL; PEARSE, 2015).

A atividade se encerra quando a pessoa responsável por sua coordenação julgar que já houve apropriação suficiente das três dimensões do gênero no debate gerado. Em outras palavras, isto se traduziria, no debate do caso em questão, por falas menos centradas exclusivamente em características da paciente que buscou terapia

(insegurança, submissão, por exemplo) e mais voltadas a fatores contextuais – condições de empregabilidade, regras do núcleo familiar, padrões sociais – que, se interrelacionados, poderiam orientar uma ação-intervenção mais original de uma profissional da psicologia que acompanhasse o caso.

Recursos

Papeis, lousa, quadro, cartolina ou *flip-chart*; espaço para organização de estudantes em grupo (pode ocorrer em aulas virtuais).

Avaliação

Pontualmente, a atividade pode ser avaliada por meio da observação da coordenação e das participantes acerca da boa apropriação, experimentação e aplicação dos recursos durante a discussão. É importante ressaltar que a atividade aqui proposta não trabalha com um conhecimento técnico e pontual a ser adquirido imediatamente. Pelo contrário, trata-se de aprender e exercitar uma estratégia de pensamento que levaria a interpretações múltiplas e, conseqüentemente, a intervenções variadas e originais em psicologia.

Conclusão

A atividade proposta teve o objetivo de fortalecer o diálogo entre a psicologia e a temática de gênero, o que inclui desde características da identidade das pessoas até aspectos em níveis estruturais e simbólicos. Parte-se do pressuposto de que as concepções de gênero de psicólogas impactam diretamente sua

atuação profissional, sendo importante, portanto, conhecê-las e as ampliar ao longo do processo de formação profissional.

Referências Bibliográficas

AMÂNCIO, Lígia. O gênero na psicologia: uma história de desencontros e rupturas. **Psicologia**, v. 15, n. 1, p. 9-26, 2001. Recuperado em 05 de maio de 2019, de http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492001000100001&lng=pt&tlng=pt.

ANDRADE, Darlane Silva Vieira; SANTOS, Helena Miranda dos. (Orgs) **Gênero na Psicologia: articulações e discussões**. Salvador: CRP-03, 2013, 196 p.

CONNELL, Raewyn.; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos. 2015. 335 p.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Ano da formação em psicologia: revisão das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em psicologia**. Conselho Federal de Psicologia, Associação Brasileira de Ensino de Psicologia e Federação Nacional dos Psicólogos. São Paulo: Conselho Federal de Psicologia/Associação Brasileira de Ensino de Psicologia/Federação Nacional dos Psicólogos, 2018. 143 p.

ESPINHA, Tatiana G. **A temática racial na formação em Psicologia a parti r da análise de Projetos Político Pedagógicos: silêncio e ocultação**. Tese (doutorado). Campinas: Faculdade de Educação-Unicamp. 2017.

HARDING, Sandra G. **The science question in feminism**. Ithaca: Cornell University Press, 1986.

Resolução nº 5, de 15 de março de 2011. **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Psicologia.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7692-rces005-11-pdf&category_slug=marco-2011-pdf&Itemid=30192. Acesso: 2 mai. 2019.

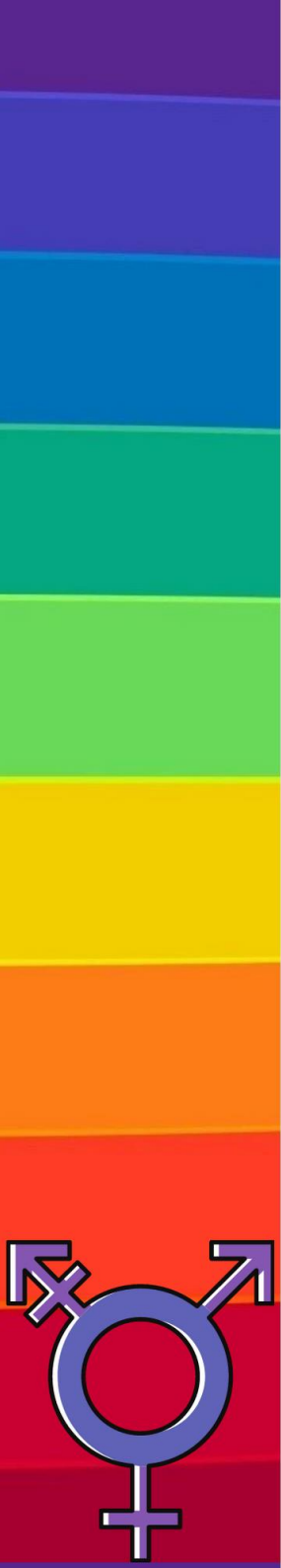
ROSEMBERG, Fúlvia. Afinal, por que somos tantas psicólogas?. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 4, n. 1, p. 6-12, 1984. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931984000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 14.out. 2019.

SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; SCHUCMAN, Lia Vainer. Desigualdade, relações raciais e a formação de psicólogo(as). **Rev. Epos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 117-140, dez. 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2015000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 14 out. 2019.

SANTOS, Helena Miranda dos. A institucionalização da discussão de gênero no sistema de conselhos da psicologia. In: DENEGA, Alessa; ANDRADE, Darlene Silva Vieira; SANTOS, Helena Miranda dos. **Gênero na psicologia: saberes e práticas**. Salvador: CRP-03, 2016, pp16-39.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, n.20, v.2, jul/dez. p. 71-99. 1995.

SCOTT, Joan Wallach. Prefácio a Gender and politics of History. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 3, p. 11-27, 1994.

A vertical bar on the left side of the page, composed of horizontal stripes of the rainbow colors: purple, blue, green, yellow, orange, and red.

2. Trans(viado): Licenciatura em Ciências Biológicas entrando no queer

Charlie Drews

Tomaz dos Santos



Introdução

É possível pensarmos em trazer o *queer* para a educação? Louro (2018) aposta que sim, assim como César (2012), ao propor intervenções pedagógicas *queer*. Aqui, o que propomos, é justamente sugerir uma destas intervenções para cursos de licenciatura em ciências biológicas, através do tema de homens transexuais *gays*.

Trazer tal temática para este tipo de licenciatura é um desafio, pois propõe uma “desbiologização” da própria biologia, o que pode parecer contra intuitivo de início. Todavia, não se trata de negar a biologia, mas sim de entender que seu fenômeno primário de pesquisa – a vida – é complexo em seus fatores físicos, químicos, sociais, culturais e psicológicos, não sendo nem possível e nem desejável se entender a sexualidade e o gênero como resultados exclusivos de combinações cromossômicas ou de fatores hormonais, exclusivamente. Sendo assim, apostamos em uma formação de futuros professores de ciências e de biologia que não seja pautada exclusivamente nos parâmetros daquilo que Vergueiro (2015) denomina de cis-heteronormatividade.

Curso de graduação ou pós-graduação

Destinamos prioritariamente esta sequência didática para os cursos de licenciatura em ciências biológicas (graduação), considerando que já há ampla literatura na área apontando a formação deficitária nestas graduações no que diz respeito a um preparo mais aprofundado para lidar com questões de gênero e sexualidade em sala de aula (OLIVEIRA, 2018), sendo que este mesmo fenômeno só fica mais evidente se levarmos em contas os

próprios livros didáticos da área, pois de acordo com Tavares (2018), neles “não há qualquer menção a outras formas de vivência e experiências da sexualidade que não seja a heterossexualidade.” (p. 08).

Com isto, não queremos dizer que seja tarefa exclusiva dos futuros professores de ciências e de biologia da educação básica a abordagem de temas sobre diversidades e diferenças sexuais (sendo que, inclusive, a sequência didática aqui sugerida pode ser adaptada para licenciaturas outras), mas sim que já há um encaminhamento curricular para que temas sobre sexo e sexualidade sejam abordados em determinados momentos nas aulas de ciências, conforme já apontado por Coelho (2013). Defendemos, então, se fazer necessário que estes futuros professores entrem em contato com outras perspectivas sobre questões de sexo, gênero e sexualidade que não só aquelas da cis-heteronormatividade.

Disciplina

A sequência didática aqui sugerida pode ser usada em diversas disciplinas do curso de ciências biológicas. Todavia, sugerimos que seu uso seria mais do que pertinente na disciplina de “metodologia(s) do ensino de ciências”, ou correlatas. Geralmente tal disciplina costuma ser ofertada no final dos cursos – entre o sétimo e oitavo semestres – mas cuja variação de oferta depende de cada universidade.

Tema da aula

A temática da aula seria *possibilidades de relacionamento para pessoas transexuais*. Apontamos que tal tema se deu a partir de uma oficina ministrada por nós na UFABC (Universidade Federal do ABC) em 2019, no contexto de obtenção de material para pesquisa de mestrado em andamento na época. Tal tema se justifica, conforme já apontado pela literatura da área, pelo fato de haver ainda o predomínio de entendimentos cis-heteronormativos nos livros e nas aulas de ciências e de biologia da educação básica. Discutir e problematizar não só a transexualidade em si, mas também as possibilidades de sexualidade e afeto de pessoas trans, se constitui em um caminho a ser considerado para pensarmos em uma formação mais plural e diversa para os licenciandos da área.

Conteúdo

A presente aula utiliza do tema da homossexualidade de homens trans como forma de introduzir o “estranhamento” dos estudos *queer* em cursos de licenciatura em ciências biológicas. Conforme já dito, Oliveira (2018) percebe que há pouca preparação nestes cursos para lidar com questões de sexo, gênero e sexualidade, menos ainda em uma perspectiva *queer*.

Neste sentido, busca-se uma quebra daquilo de Butler (2018) chama de matriz de inteligibilidade heterossexual, onde se espera que corpos que perfomam o masculino inexoravelmente se envolvam com corpos que perfomam o feminino. Abre-se, então, a possibilidade de se entender a vida para além dos discursos biologizantes desta mesma matriz.

Objetivos

Objetivos gerais

Objetivo geral 1; Introduzir elementos de reflexão *queer* em cursos de licenciatura em ciências biológicas

Objetivo geral 2: Refletir sobre as diferenças sexuais, de gênero e de sexualidades possíveis.

Objetivos específicos:

Objetivo específico 1: Compreensão das diferenças entre identidade de gênero e orientação sexual.

Objetivo específico 2; Levar os licenciandos a compreenderem que estes fenômenos não estão atrelados majoritariamente a fatores biológicos.

Metodologia

A dinâmica é original, mas foi baseada tomando como exemplo as sugestões de intervenções pedagógicas *queer* de César (2012), que segando a autora seriam capazes de “tensionar as fronteiras daquilo que se pode pensar sobre corpos, sexos e gêneros, para além do sistema normativo sexocorpo-gênero” (p. 357). No caso, a nossa dinâmica sugerida e criada por nós começa pela disponibilização de fichas-cartão em branco na qual os participantes devem desenhar um homem transexual acompanhado de um “par romântico”. Tal dinâmica já partiria do pressuposto de que a cis-heteronormatividade, conforme cunhada por Vergueiro (2015), entenderia que um homem transexual namoraria/se relacionaria

necessariamente com uma mulher, em uma configuração heterossexual exclusivamente. Será que os licenciandos compartilhariam deste entendimento?

Após o desenho, o professor poderia passar algum vídeo de homens transexuais assumidamente *gays* (há vários vídeos e canais sobre o tema no *youtube*, por exemplo) ou projetar a história em quadrinhos do desenhista estadunidense Bill Roundy, na qual o mesmo conta sobre sua condição de homem cis *gay* que namora com homens trans. Tal dinâmica tem como objetivo o causar “estranhamento”, considerando justamente que “estranho” é uma das possíveis traduções de *queer* de acordo com Louro (2018). Após a exibição do vídeo escolhido pelo docente ou da história em quadrinhos os graduandos podem ser convocados a redesenharem, caso assim o quiserem, seu homem transexual e seu(sua) provável companheiro(a).

Na nossa oficina, a maioria dos participantes redesenharam seus personagens podendo estar acompanhados tanto de um namorado quanto de uma namorada. Poucos foram os que optaram por redesenhar uma única possibilidade de sexo/gênero do par. Após isso, incitamos os participantes a falarem sobre seus desenhos e suas impressões. O mesmo procedimento pode ser adotados para os licenciandos. Elencamos, então, as etapas na tabela que segue:

Quadro 2.1: Etapas da oficina.

Etapas	Descrição	Duração
Primeiro desenho	Entrega das fichas-cartão em branco, onde os alunos devem desenhar o solicitado.	10 minutos.
Estranhamento	Exibição de algum material que mostre a existência de homens trans <i>gays</i> .	De 10 minutos a 1 hora, de acordo com o material escolhido pelo docente.
Segundo desenho	Alunos devem redesenhar no verso da ficha, caso queiram.	10 minutos
Debate	Alunos são incitados a falarem, e o professor deve conduzir o debate.	30 minutos a 1 hora, de acordo com o andamento do debate.

Fonte: Pesquisador.

Recursos

Tal dinâmica de aula necessita de, no mínimo, de um projetor e de computador com internet ou entrada para *pen-drive*, no caso de conteúdo baixado no mesmo. Algumas sugestões de vídeos seriam a entrevista do homem trans Paulo Vaz e seu namorado Pedro HMC ao canal “P & Ponto” - <https://www.youtube.com/watch?v=haogcse2GOg> – (acesso em 06 out. 2020) ou a exibição da história em quadrinhos do cartunista Bill Roundy, disponível em <http://www.ladobi.com.br/2013/11/gay-namorar-transhomens> (acesso em 19 mar. 2019).

Avaliação

Ao fim da aula, pode ser aplicado um breve questionário escrito, com perguntas relacionadas ao entendimento dos estudantes sobre o que seria “sexualidade” e qual sua relação com o sexo e com o gênero. Não se trata aqui, obviamente, de uma prova com certo ou errado demarcados, mas de um instrumento que permitiria ao professor entender o pensamento conjunto da sala, para possíveis futuras intervenções e debates sobre o tema.

Conclusão


A presente sugestão de aula não deve ser vista como um modelo fechado, a ser seguido, necessariamente, à risca. É importante que cada docente adapte a nossa sugestão à sua realidade e ao seu alunado, mantendo o espírito desta intervenção pedagógica *queer*. E mantê-lo se faz na permanência de levar o questionamento à matriz de inteligibilidade heterossexual, ainda, infelizmente, tão reproduzida nos cursos, aulas e materias didáticos de ciências biológicas. É hora do (trans)viado estar nas aulas!

Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. A diferença no currículo ou intervenções para uma pedagogia queer. **ETD: Educação Temática Digital**, v. 14, p. 351-362, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1257>>. Acesso em: Outubro de 2020.

- COELHO, Renata. **Educação sexual na formação de professores de ciências e biologia: construindo novos entendimentos.** Dissertação (Mestrado em Ensino, História e Filosofia das Ciências e Matemática) - Universidade Federal do ABC, Santo André, 2013.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- OLIVEIRA, Luana Maria. **Sexualidade: uma proposta metodológica para formação inicial de professores de ciências naturais.** 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências). Faculdade Unb Planaltina, Brasília, DF, 2018.
- TAVARES, Bruno. Cisheteronormatividade no livro didático de biologia: análise à luz da pedagogia queer. In: Guimarães, R. S.; Vergueiro, V.; Marcos, M. A. de & Fortunato, I. (Org.). **Gênero e cultura: perspectivas formativas vol. 2.** São Paulo, Edições Hipótese, 2018.
- VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade.** Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

A vertical bar on the left side of the page, composed of horizontal stripes of the rainbow colors: purple, blue, green, yellow, orange, and red.

3. Reflexões atuais sobre sexualidade, gênero e diversidade nos cursos de graduação em medicina e enfermagem

Davi Silva Vale Nascimento



Introdução

A sexualidade humana ainda hoje é um tabu. E a temática desperta dúvida e curiosidade da sociedade, possuindo pouco ou nenhum debate entre as pessoas e profissionais da área de saúde. Discutir sobre sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual é considerado um tema restrito no processo de cuidado em saúde desta população. Então, dialogar sobre a temática permite a desmitificação de preconceitos socioculturalmente enraizados na população brasileira, majoritariamente declarado homem cis heterossexual. No qual, estes discursos foram transpondo por gerações diversos preceitos discriminatórios que traz como consequência o desconhecimento do cuidado com a população LGBTQIA+ e na morte destes indivíduos (CESNIK; ZERBINI, 2017; ROWAN; BEYER, 2017; TALAN *et al.*, 2017; MOTT *et al.*, 2017).

Dados divulgados pelo Grupo Gay da Bahia (2020), mostrou que 329 indivíduos LGBTQIA+ foram mortos no Brasil em 2019 vítimas de ataques homotransfóbicos. Do total, 297 foram por homicídio (90,3%) e 32 por suicídio (9,7%). A partir deste relatório coletado pelo grupo gay da Bahia, pode-se averiguar o relatório de Mott, Michels e Paulino (2017) e constatar que o Brasil lidera o ranking mundial de morte e violência sexual contra a população LGBTQIA+, já que a cada 19 horas um LGBTQIA+ é assassinado no país.

Sabendo-se disso, a saúde da população LGBTQIA+ ainda é fator de preocupação, pois necessita de maior abordagem na saúde mental e na assistência médica com qualidade e equidade para lidar nas demandas psicossociais e fisiopatológicas do indivíduo. No

entanto, é lamentável que a maioria dos profissionais em formação e graduados não são treinados para oferecer assistência ao indivíduo LGBTQIA+ e, conseqüentemente, estes deixam de frequentar ou adiam os serviços de saúde por serem expostos a situações constrangedoras (DURSO; MEYER, 2013).

A sequência didática será voltada para estudantes de graduação em medicina e enfermagem, pois, como relatam Durso e Meyer (2013), os profissionais de saúde na prática sentem dificuldade na abordagem por falta de treinamento e experiência do cuidado à saúde de lésbicas, gays, bissexuais, seja cis ou trans, que procuram por serviços de saúde. Outrossim, ressalta-se da necessidade da discussão da temática na graduação porque segundo Santos (2020), demonstra que até durante os treinamentos de capacitação dos profissionais de saúde há reprodução de comentários preconceituosos pelos funcionários, tornando-se mais desafiador a implementação de políticas de atenção integral à saúde LGBTQIA+ no país e a flexibilização da matriz curricular na implementação de disciplinas e diretrizes direcionada a promoção da saúde LGBTQIA+ na graduação até nos serviços de saúde (NEGREIROS *et al.*, 2019).

Portanto, a desconstrução do debate relacionado a sexualidade e gênero deve ser abordado inicialmente na academia e ampliada ao indivíduo que atende nos serviços de saúde. Por isso, à inclusão de discussões devem ser abordadas em disciplinas como medicina social e clínica, bioética e psicologia em saúde. Estas, porque trazem uma proximidade dos debates humanísticos em saúde, trazendo aspecto cultural e social sob a ótica do coletivo na educação e na comunicação em saúde. Ou seja, aumentando o engajamento nas

demandas da saúde da população LGBTQIA+ que procuram os serviços de saúde.

Objetivos

Objetivo geral

Proporcionar novas reflexões sobre diversidade sexual para estudantes do curso de enfermagem e medicina.

Objetivos específicos

Demonstrar ferramentas de educação ativa em sala de aula com utilização do *Google Forms*;

Capacitar o conhecimento teórico com leitura e discussões de livros e artigos;

Apresentar e discutir os estudos atuais sobre sexualidade, gênero e diversidade, além de correlacioná-las com aspectos políticos, econômicos e sociais.

Metodologia

A temática da aula a ser desenvolvida possui como proposta o reconhecimento dos termos de sexo biológico, gênero e orientação sexual como abordagem inicial para estreitar a relação entre o indivíduo e estudantes e profissionais de saúde, com posterior contextualização sobre a discriminação e o “porquê” na dificuldade de acesso da população LGBTQIA+ nos serviços de saúde. Desta forma, a temática central é “Introdução da sexualidade humana para

profissionais de saúde na universidade”. Abaixo, pode-se visualizar o conteúdo a ser abordado durante as aulas (Tabela 3.1).

Tabela 3.1: Conteúdo programático da aula

TEMA	CONTEÚDO
1. Sexo biológico, gênero e orientação sexual	Teorias sobre mulheres e gênero; estudos sobre sexualidade e diversidade sexual; homossexualidades, travestilidades e transexualidades.
2. Diversidade social e saúde da população LGBTQIA+	Histórico dos movimentos LGBT; histórico do feminismo no mundo e no Brasil; epistemologia, história das ciências e gênero, teoria queer.
3. Desafios futuros da educação, saúde e política da população LGBTQIA+ Brasil	Homo, lesbo e transfobia; gênero e sexualidade no âmbito da saúde; gênero e família; gênero e violência; gênero e cultura; gênero e educação; gênero e saúde.

O conteúdo de cada tema (tabela 3.1) baseia-se na matriz curricular no curso de diversidade sexual e de gênero do PJERJ (Poder Judiciário do Estado do Rio de Janeiro) e do bacharelado em gênero e diversidade da UFBA (Universidade Federal da Bahia). No qual, a finalidade do tema 1 e 2 é trazer uma análise e reflexão do histórico a respeito das mulheres e dos movimentos LGBTQIA+, trazendo uma discussão e problematização dos conceitos de sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual na sociedade e das questões

do sexo “frágil” e do machismo na sociedade, trazendo a abordagem da teoria *queer* como construção social e inclusão da diversidade sexual. A sequência didática se finaliza com o tema 3, desenvolvendo uma contextualização política e social dos desafios da população LGBTQIA+ na contemporaneidade, trazendo os desafios como proposta capaz de transformar a sociedade pela luta de equidade de gênero. Abaixo, podemos observar as metodologias a serem utilizadas na sala de aula (Tabela 3.2).

Tabela 3.2: Metodologia utilizada em sala de aula.

Etapas	Descrição	Duração	Recurso
Aula 1	<p>Primeiro momento:</p> <p>Leitura do livro: gênero, sexualidade e educação (Autor: Leandro Colling)</p> <p>Segundo momento:</p> <p>Construção de um formulário com questionamentos sobre diversidade sexual, incluindo discussões sobre sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual.</p> <p>Cada grupo deve enviar para 7 pessoas aleatórias (amigos, familiares e colegas) e analisar os resultados para discussão na próxima aula.</p>	<p>Primeiro momento: leitura prévia em casa.</p> <p>Segundo momento: duração de 2 horas.</p>	<p>Primeiro momento: Celular, tablet ou computador com acesso à internet</p> <p>Segundo momento: <i>Google Forms</i></p>

Aula 2	<p>Seminário do tema 3 (avaliação) - cada equipe irá apresentar um conteúdo:</p> <p>Homo, lesbo e transfobia; (2) gênero e sexualidade no âmbito da saúde; (3) gênero e família; (4) gênero e violência; (5) gênero e cultura; (6) gênero e (7) educação; gênero e saúde.</p> <p>Avaliação: Conteúdo, tempos de duração da apresentação (máximo de 20 minutos), correlação com a temática e proposta de resolução do problema, debate de 40 minutos no final das apresentações e continuação na aula 3 com novas abordagens.</p>	Duração de 3 horas	Livre
Aula 3	<p>Correlação dos temas abordado do seminário com as análises das perguntas coletadas pelo <i>Google Forms</i>. Debate para construção do conhecimento científico e humanístico sobre diversidade, inclusão e saúde.</p>	Duração de 3 horas	Livre

Conclusão

A proposta principal estabelecida para construção científica e humanizada destes estudantes foi a necessidade de implementação de discussão sobre diversidade sexual e desafios. Oferecendo capacitação e implementação de discursos em várias disciplinas da graduação sobre a saúde LGBTQIA+. Demonstrando aspectos biológicos, históricos, políticos, econômicos, familiares, culturais e educacionais para os estudantes de graduação com finalidade de intervir no atendimento humanizado e equânime. Desta forma, ampliando as discussões da temática nas universidades e diminuindo a percepção discriminatória destes profissionais de saúde.

Referências

- CESNIK, Vanesa Monteiro; ZERBINI, Thais. Sexuality education for health professionals: A literature re-view. **Estudos de Psicologia**, v. 34, n.1, p.161-172, 2017.
- ROWAN, Noell L.; BEYER, Kelsey. Exploring the health needs of aging LGBT adults in the cape fear region of north carolina. **Journal of Gerontological Social Work**, v.60, n.6-7, p.569-586, 2017.
- TALAN, Ali J.; DRAKE, Carolyn B.; GLICK, Jennifer L.; CLAIBORN, Camilla Scott; SEAL, David. Sexual and gender minority health curricula and institutional support services at U.S. schools of public health. **Journal of Homosexuality**, v.64, n.10, p.1350-1367, 2017.
- MOTT, Luiz, MICHELS, Eduardo, PAULINHO. Pessoas LGBT Mortas no Brasil: relatório 2017. Disponível em:

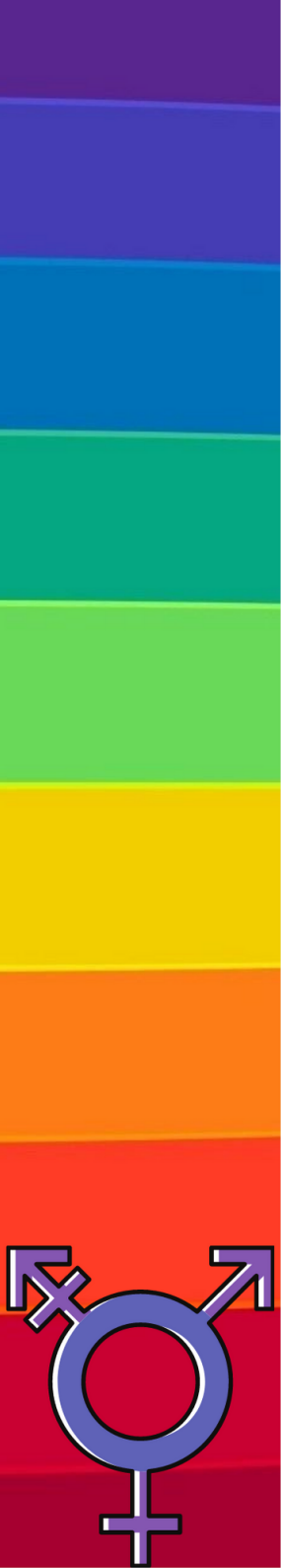
<<https://homofobiamata.wordpress.com/homicidios-de-lgbt-no-brasil-em-2018/>>. Acesso em: 20 de out de 2020.

Grupo Gay da Bahia. Relatórios anuais de morte de homossexuais. 2020. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.com.br/?s=relat%C3%B3rio&submit>>. Acesso em: 19 10 2020.

DURSO, Laura E.; MEYER, Ilan H. Patterns and predictors of disclosure of sexual orientation to healthcare providers among lesbians, gay men, and bisexuals. **Sexuality Re-search & Social Policy**, v.10, p. 35–42, 2013.

SANTOS, Luís Eduardo Soares dos *et al.* O acesso ao Sistema Único de Saúde na percepção de homossexuais masculinos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 2, 2020.

NEGREIROS, Flávia Rachel Nogueira de *et al.* Saúde de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais: da formação médica à atuação profissional. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 43, n. 1, p. 23-31, 2019.

A vertical bar on the left side of the page, composed of horizontal stripes of the rainbow colors: purple, blue, green, yellow, orange, and red.

4. Exercício da alteridade e uma análise sobre a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo

Elisangela Peña Munhoz



Introdução

Tanto a Instituição de ensino quanto os próprios alunos esperam que sejam levadas novas experiências para a sala de aula, mas nem todo ambiente é propício e nem todo tema possibilita métodos diferenciados. O papel do docente é encontrar o espaço adequado e o momento certo para alterar um paradigma.

Foi este o desafio que provocou a busca de alternativas em ferramentas construtivas de aprendizagem para apoiar o aluno a repensar o conceito de justiça sob novos contornos. Além disso, de forma transversal, o exercício possibilitou inserir o tema sexualidade e gênero no curso de graduação em Direito, conforme prevê as diretrizes curriculares nacionais do Ministério da Educação, abrindo um espaço para o ensino-aprendizagem que atenda a princípio de diálogo sobre a diferença e a realização de uma justiça social.

O uso de um método de ensino que coloque a figura do aluno como elemento central na elaboração do conteúdo propicia diversas oportunidades para todos os envolvidos, em especial, porque aumenta o espaço de interação aluno-professor:

Nós, professores, estamos na escola não só para ensinar o currículo, mas também para inspirar, encorajar, ouvir e transmitir uma visão a nossos alunos. E isso acontece no contexto de nossas interações. Sempre acreditamos que o bom professor constrói relacionamentos com os alunos. Estes precisam na vida de modelos positivos de adultos. E, assim, desenvolvemos essas relações antes mesmo de invertermos a sala de aula, mas a inversão fortalece ainda mais os laços (BERGMANN, 2017, p.23).

Curso de graduação

Um aluno egresso do curso de direito encontra no cenário da prática profissional o desafio cotidiano de trabalhar com o tema acesso à justiça. Assim, a discussão a respeito de gênero na sala de aula é proveitoso para falarmos sobre justiça social, prática profissional cívica e, principalmente, engajar o estudando a renovar seu olhar e seu compromisso ético no convívio com a diferença.

A proposta pedagógica de uma Instituição de ensino precisa estar alinhada à diretrizes federais da educação e o professor, dentro dos limites das quatro paredes, não pode perder este norte.

Este nosso exercício aconteceu na Escola de Direito. Sobre este curso, o Ministério da Educação brasileiro, por meio do Conselho Nacional da Educação, publicou a portaria nº 1.351, no Diário Oficial da União de 17/12/2018, seção nº 1, página 34, com vistas a revisar as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Direito.

Este é um importante documento que marca, simbolicamente, a preocupação com os futuros advogados para um ambiente de justiça social e de exercício da cidadania, adequado às necessidades da sociedade. Para exemplificar isso, destacamos o trecho abaixo que evidência a preocupação em trazer para este ambiente temas importantes para a sociedade e que precisam perpassar as disciplinas e fomentar as discussões em sala de aula:

Além disso, o projeto deve contemplar as formas de tratamento transversal dos conteúdos exigidos nas diretrizes nacionais tais como políticas de educação ambiental; a educação em direitos humanos; a educação para a terceira idade; a educação em políticas de gênero; a educação das

relações étnico-raciais; e histórias e cultura afro-brasileira, africana e indígena, entre outras (BRASIL, 2018, p.11).

Assim, um dos critérios fundamentais para a eleição do nosso tema e a inclusão dele como um elemento transversal para enriquecer a dinâmica e fomentar a reflexão, principalmente, no contexto de um método ativo de ensino, foi o atendimento das exigências do Ministério da Educação.

Disciplina

Há muito anos, se debate no mundo as fragilidades do judiciário frente a quantidade de demandas que são postas a apreciação cotidianamente. Nesse sentido, o Conselho Nacional de Justiça, periodicamente, publica o relatório chamado “Justiça em números”. Este documento fica disponível no sítio eletrônico do próprio CNJ e tem como principal função dar publicidade aos indicadores de produtividade dos órgãos que compoem o Poder Judiciário. Esses dados evidenciam algumas informações importantes, como, por exemplo, a taxa de congestionamento, que revela o percentual de processos que ficaram represados sem solução, comparativamente ao total de processos que tramitou no período analisado.

Em resposta a esse clamor por mudanças, podemos identificar as ondas de reformas da legislação e do próprio judiciário. Essas renovações tocaram a formação do advogado, como operador do direito e parte desse projeto.

Nesse sentido, o perfil do egresso do curso de graduação em direito que foi traçado pelo Ministério da Educação contempla habilidades de solução consensual de controvérsias sociais:

O curso de graduação em Direito deverá assegurar, no perfil do graduando, sólida formação geral, humanística, capacidade de análise, domínio de conceitos e da terminologia jurídica, adequada argumentação, interpretação e valorização dos fenômenos jurídicos e sociais, além do domínio das formas consensuais de composição de conflitos, aliado a uma postura reflexiva e de visão crítica, que fomente a capacidade e a aptidão para a aprendizagem, autônoma e dinâmica, indispensável ao exercício do Direito, à prestação da justiça e ao desenvolvimento da cidadania (BRASIL, 2018, p.12, grifos nossos).

À luz dessa diretiva, o aluno do nosso curso de graduação em Direito encontra, na grade curricular, o *estágio de prática supervisionada em mediação e arbitragem*. E foi no bojo desta disciplina obrigatória que este exercício tornou-se apropriado.

Tema da aula

No âmbito de práticas autocompositivas de conflitos sociais, um dos maiores desafios enfrentados é a resignificação do conceito justiça e, por conseguinte, de acesso à justiça.

A tentativa consensual de um litígio requer que se compreenda que, em alguns momentos, o envolvimento das partes na reflexão e proposição de uma solução será fundamental para a pacificação. Então, é importante que o aluno perceba que, para muito

além de um processo judicial, existem outras possibilidades de atuação do profissional, em especial, buscar o meio adequado para a prestação jurisdicional em tempo apropriado, nos contornos e necessidades de cada caso:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

(...)

LXXVIII - a todos, no âmbito judicial e administrativo, são assegurados a razoável duração do processo e os meios que garantam a celeridade de sua tramitação (BRASIL, 1988).

É sob a temática que se desenvolveu este método ativo de ensino e, como suporte fático para a reflexão desse conceito, usamos como referência a “Parada do Orgulho LGBT de São Paulo”, organizada pela associação que leva o nome do evento e que corresponde a um dos mais importantes instrumentos de sensibilização social e política, com vistas à promover o respeito à diversidade sexual, bem como, combater o preconceito.

Conteúdo

A experiência da docência nos revela nos revela que, a depender da provocação que é feita pelo professor, como resposta, desperta-se uma habilidade específica do aluno. Assim sendo, o professor tem sempre uma escolha: qual a interação que irá

estabelecer com o estudante, em especial, a qual papel ele será chamado a desempenhar em sala de aula:

Assim, a compreensão deste sujeito, em sua condição concreta de vida e em suas peculiaridades históricas, psicológicas, sociais é, segundo esse ponto de vista, fundamental para o desenho de estratégias de aprendizagem. De aprendizagem, note-se, mais do que de ensino, uma vez que o objetivo do professor passa a ser o

de criar condições para que o aluno aprenda por si mesmo e que desenvolva suas próprias estratégias para construir o saber. Nesse modelo, é comum o professor apresentar-se, ou ser percebido, como um *motivador* ou *facilitador*, como alguém que oferece e articula oportunidades de aprendizagem. Entretanto, para se tornarem efetivas, tais oportunidades necessitam de um movimento ativo de apropriação por parte do aluno (GUIRARDI, 2012, p.46).

A partir disso, escolhemos suscitar o debate por meio de uma construção coletiva a respeito de efetivamente de uma justiça social, refletindo sobre a Parada do Orgulho LGBT que é um dos mais importantes eventos do mundo, os números e a forma como ocorre, frente aos dados de violência do nosso país e nossa cidade.

Objetivos

Objetivo geral

- Problematicar um conceito;

- Fomentar a reflexão sobre a complexidade que os operadores do direito vivem na tentativa de concretizar o ideal de justiça;

Objetivos específicos

- Avaliar situações práticas propostas;
- Integrar os alunos;
- Praticar do diálogo para a construção colaborativa de solução;
- Exercitar a alteridade;
- Promover o diálogo a respeito de sexualidade e gênero.

Metodologia

Os alunos foram provocados a realizarem uma pesquisa prévia e trazerem para a sala de aula o conceito de justiça. Esse exercício foi livre, para que eles pudessem buscar o autor de preferência ou recorrer a qualquer suporte bibliográfico que mais lhe interessasse. A proposta era que o aluno trouxesse para a aula uma ideia, previamente, construída.

Na sala de aula, os alunos foram divididos em grupos de quatro ou cinco participantes. Esta organização foi livre, também, de tal forma que os alunos mais próximos, por qualquer tipo de afinidade, acabassem se unindo. E essa distribuição foi muito favorável para as etapas seguintes da atividade.

Cada grupo recebeu uma cópia de um texto que foi elaborado pela professora. Esse documento tinha como função contextualizada a origem e a história do evento, ressaltando a relevância que ele ganhou no cenário global e os números que esta parada alcança, anualmente. Além disso, a cada grupo foi designado um papel a cumprir no exercício. Assim, um grupo assumiu o encargo de representar os bombeiros, para outro grupo foi atribuída a função da prefeitura municipal, tivemos ainda a associação de moradores do bairro Jardins, a polícia, a comunidade LGBTQIA+, os turistas, os hotéis e, também, os hospitais da região da Avenida Paulista.

Nesta primeira etapa, os grupos analisaram o evento, sob o ponto de vista que lhe foi indicado, evidenciando um ponto positivo e outro ponto negativo no formato que temos realizado. Além disso, depositando atenção especial ao aspecto que poderia ser melhorado, o grupo foi orientado a elaborar uma sugestão de melhoria para aperfeiçoar a parada, que já tem indicadores de sucesso. Para esse trabalho foi dado um tempo certo.

Já, na segunda etapa da dinâmica, todos os grupos se misturam. Para isso, cada grupo elegeu um relator que permaneceu onde estava e assumiu o papel de anfitrião; enquanto os demais participantes misturaram-se e, assim, formaram novas equipes. Desse modo, o objetivo foi que em cada novo time houvesse um representante de cada grupo anterior, com um ponto de vista particular e diferente para uma nova discussão.

Foi, realmente, nesta etapa que a prática comunicativa com base na alteridade aconteceu, porque os participantes dos grupos não escolhiam a composição do agrupamento, tendo que dialogar com

pessoas diferentes. Além disso, os alunos já estavam contaminados pela discussão construída anteriormente e precisaram contribuir com o colega anfitrião. O objetivo dessa segunda etapa era ouvir a proposta de melhoria do aluno que recebeu a visita dos colegas e sugerir ajustes ou correções. Para realizar este trabalho, novamente, foi dado um tempo determinado.

Esta rodada de debates poderia ter sido feita quantas vezes fosse possível, criando novos grupos com novas composições, contudo, resolvemos fazer apenas uma rodada e, encerrado o tempo definido, os alunos voltaram para os grupos originais para um fechamento da proposta de cada grupo.

A última etapa do trabalho foi o fechamento da atividade com o painel contando com a participação de todos os alunos e do professor. Nesse momento, mais do que ouvir a proposta de melhoria que cada grupo elaborou, a conversa se desenvolveu sobre as perspectivas diferentes que se criaram para um mesmo problema.

Para incrementar esse debate, a professora exibiu os números oficiais, em especial, da Secretaria de Segurança Pública, a respeito da violência, no Brasil, fundada em diferenças de gênero e sexualidade. E propôs, como ponderação final a seguinte pergunta: para nós, brasileiros, será que ter um dos eventos de sensibilização mais importantes do mundo significa que aceitamos a diversidade fora daquele dia e do espaço do evento?

Tabela 4.1: Descrição da sequência didática

Etapas	Descrição	Duração
Pré-aula	Pesquisa prévia a respeito do conceito de justiça	30'
Introdução da atividade	Orientação para a divisão dos grupos, entrega do material de apoio e distribuição de papéis	10'
Etapas 1	Análise do texto e elaboração da proposta de melhoria	20'
Etapas 2	Formação de novos grupos mistos para análise das sugestões elaboradas pelos colegas	20'
Etapas 3	Retorno ao grupo originário para o fechamento da proposta.	10'
Fechamento da atividade	Abertura do painel com todos os alunos para registro das percepções	30'

Recursos

Os recursos usados para a aplicação desta aula resumiram-se, apenas, às pesquisas individuais trazidas por cada aluno e à pesquisa realizada pela professora, que se consubstanciou no texto de apoio que foi impresso e entregue para cada grupo.

Avaliação

Esta foi uma atividade que demandou ação e participação de todos os alunos, com o cuidado de respeitar as características individuais. Todos, de alguma forma, tiveram a incumbência de colaborar com o trabalho do seu grupo na elaboração de uma

proposta ou pelas proposições ao visitar outro grupo. Já quanto ao colega anfitrião, a experiência foi diferente, marcadamente, foi uma prática da escuta.

O objetivo dessa aula era a reflexão por meio do diálogo e da prática da alteridade. Assim, mais do que avaliador, o professor desempenhou o papel de integrador, uma vez que esta dinâmica possibilitou a aproximação dele com todos os alunos presentes na sala. Isto porquê, durante toda o tempo, enquanto as conversas aconteciam, houve espaço para o professor participar de cada grupo e, principalmente, dialogar com cada integrante, estimulando a participação e estreitando o relacionamento.


Conclusão

O exercício proposto pretendeu estimular diversas habilidades cognitivas, por meio da pesquisa particular, do exercício do debate, da reflexão e da proposição de uma melhoria, desta forma, envolver o maior número possível de alunos. Mas, para muito além do que isso, a proposta pedagógica tinha a finalidade de promover um diálogo necessário e a experiência necessária da sensibilização do grupo para a inclusão da perspectiva do outro, a alteridade, que é critério fundamental para se pensar em solução dos conflitos sociais com base na autocomposição.

A experiência foi positiva e rendeu exaltação dos alunos e, portanto, foi aplicada em outros semestres com outras turmas. Por fim, após essa aula, ficou evidente como os grupos encontraram novos contornos de relacionamento dentro daquele mesmo espaço convivendo com as mesmas pessoas.

Referências

- BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. **Sala de aula invertida**: uma metodologia ativa de aprendizagem. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2017.
- BRASIL, Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.
- BRASIL. **Portaria nº 1.351**. Brasília: Conselho Nacional da Educação. Ministério da Educação e Cultura, 2018.
- BRASIL, **Resolução nº 128 de 27 de novembro de 2010**. Brasília: Conselho Nacional de Justiça, Ministério da Justiça, Brasília, 2010.
- CAPPELLETTI, Mauro; GARTH, Bryan. **Acesso à justiça**. Tradução de Ellen Gracie Northflefi. Porto Alegre: Ed. S. A. Fabreis, 1998.
- GHIRARDI, José Garcez. **O instante do encontro**: questões fundamentais para o ensino jurídico. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2012.

A vertical bar on the left side of the page, composed of horizontal stripes of the rainbow colors: purple, blue, green, yellow, orange, and red.

5. Maternidade e Paternidade: O atravessamento de papéis de gêneros na interpretação de casos clínicos

Helena Amstalden Imanishi



Um aspecto fundamental desta polarização parece residir na naturalização do amor materno como algo instintivo e inato à mulher, que remonta ao século XVIII. Desta premissa, derivou-se a importância da presença materna na transmissão do conhecimento e instrução religiosa, constituindo a mãe como figura principal responsável no processo educativo (ARIES, 1978; BADINTER, 1985).

Nos discursos filosófico, médico e político, verificou-se a exaltação do amor materno, entendido como resultado de um “instinto materno”, inerente à condição feminina e à maternidade. Concomitantemente, a culpabilização da mãe como principal responsável pelos problemas dos filhos é reforçada pelo discurso médico e teorias psicológicas do século XX. (MOREIRA, 1997)

As imagens acima enraízam-se no imaginário como naturais e, uma vez cristalizadas, interferem na interpretação e análises que profissionais da área da saúde fazem sobre as famílias, as relações pais e filhos, bem como as causas dos possíveis sintomas da criança, tornando-se relevante que tais imagens possam ser discutidas e problematizadas.

Curso

A sequência didática aqui proposta dirige-se originalmente para curso de psicologia, seja de graduação ou pós-graduação, mas também pode ser aplicada ou adaptada a outros cursos na área da saúde, especialmente naquelas disciplinas que versem sobre o trabalho com crianças e famílias.

Disciplina

A presente sequência didática foi pensada especialmente para disciplinas práticas como “Triagem” ou “Estágios Clínicos” que costumam acontecer a partir do oitavo semestre. Também é indicada para disciplinas que correspondam a “Ciências Aplicadas” como intervenções e atendimento psicológico na infância.

É no contexto de atendimento psicológico com crianças que os estereótipos frente aos papéis, atribuições e responsabilizações de mães e pais mais se evidenciam. Por isso, recomenda-se que a presente sequência didática seja inserida em disciplinas que tratem do atendimento infantil.

Eventualmente, a presente sequência didática também pode ser adaptada para disciplinas correspondentes às “Ciências Básicas” como Psicologia do Desenvolvimento do Adulto.

Tema da aula

O tema mais amplo no qual a presente sequência didática se insere é o da “Sexualidade e Gênero”. Dentro dele, a aula traz como temática “Maternidade e Paternidade” que poderá se inserir em diversos conteúdos, alguns sugeridos no tópico subsequente.

No contexto do atendimento infantil e de famílias, possivelmente na ânsia de buscar respostas para a problemática da criança, estagiários e profissionais recorrem ao costumeiro rastreamento das falhas dos pais no processo educativo, em especial das mães, gerando com frequência mais culpa nos pais. Daí a

importância de problematizar certos estereótipos frente aos significados de ser mãe e ser pai.

No caso elaborado para esta sequência didática, tomou-se o cuidado de não trazer informações que indicassem erros “crassos” no processo educativo, justamente para verificar se a tendência à culpabilização dos pais, ou patologização dos comportamentos da criança e da família aparecem espontaneamente e se são (ou não) problematizados.

Conteúdo

Dentro da temática “Maternidade e Paternidade”, diversos conteúdos podem incorporar a presente sequência didática como:

Entrevistas iniciais com os pais;

Atendimento de crianças e famílias;

Anamnese;

Triagem com crianças;

Maternidade e Paternidade;

Concepções de famílias;

Entre outros.

Objetivos

Objetivos gerais

- discutir a temática sobre “maternidade e paternidade e papéis socialmente atribuídos” com estudantes de psicologia,

apresentando três versões de um recorte de entrevista inicial com os pais, no contexto do atendimento psicológico com criança;

- Identificar e discutir as imagens e valores atribuídos à maternidade e paternidade;
- Identificar e debater prevalências na associação mulher – instinto materno – mundo privado (cuidado com a casa e filhos) e homem – provedor – mundo público (trabalho e leis da cultura).

Objetivos específicos

- Avaliar se a análise do caso apresentado muda, conforme o sexo dos personagens do caso seja alterado;
- Identificar e debater possíveis julgamentos (positivos ou negativos), dependendo do sexo e papel desempenhado na história;
- Identificar e debater a responsabilização dos pais (e prevalência da mãe) nos problemas dos filhos.

Metodologia

A sequência didática consiste na apresentação de três versões para o mesmo caso clínico: a busca por atendimento psicológico para uma criança de dois anos de idade que vem tendo problemas na adaptação escolar.

Na primeira versão, não haverá nenhuma indicação sobre qual dos personagens é a mãe ou o pai, cabendo aos alunos atribuírem espontaneamente e intuitivamente o sexo dos personagens. Na segunda versão, serão atribuídos o sexo e papel dos personagens. Na terceira versão, o sexo e papel dos personagens também serão atribuídos, mas neste caso, de forma invertida a da segunda versão.

A sala será dividida em grupos e cada um ficará com uma das versões, elaborando suas impressões sobre os personagens, pontos de análise do caso, divergências entre os integrantes do grupo. Os alunos devem registrar os principais pontos da discussão em grupo. Posteriormente, cada grupo apresentará suas reflexões aos demais e o debate será proporcionado.

A não revelação de que a proposta da sequência didática versará sobre questões de gêneros nos parece apropriada, na medida em que esta informação não influencie o comportamento dos alunos no momento da aplicação da atividade.

Tabela 5.1: Descrição da sequência didática

Etapa	Descrição	Duração
1	Leitura individual do caso clínico e anotação das primeiras impressões	5 minutos
2	Discussão em grupo e anotação dos principais pontos	10 minutos
3	Apresentação e debate dos principais pontos discutidos na Etapa 2	25 minutos
4	Feedback	10 minutos

Abaixo a sugestão do recorte de caso clínico (o professor deverá ter o cuidado de preparar as três versões do caso, conforme especificado).

Caso

F. e P. são os pais de B., um menino de 2 anos de idade que vem tendo muita dificuldade de adaptação na escola. A criança chora e protesta sempre que precisa ser separada de F., e tem se mostrado insegura ao ficar sozinha.

F. procura atendimento e comparece à primeira entrevista com os pais. Relata que os comportamentos do filho vêm sendo motivo de preocupação, mas não sabe se isso seria um comportamento normal para a idade.

O psicólogo passa a perguntar sobre o histórico da criança: gravidez, desenvolvimento até o momento, rotina familiar e relação com cada um dos genitores.

O desenvolvimento geral da criança parece ter se dado conforme o esperado, e F. não relata nenhum grande trauma ou impasse desenvolvimental até o momento.

O desejo de ter filhos sempre foi de P. e, diante da crescente pressão, acabam decidindo pela gravidez. Neste processo, F., apesar de gostar de seu trabalho, acaba pedindo demissão para cuidar do filho e passa a se dedicar integralmente aos cuidados da criança e da casa. É F. quem cuida da alimentação, rotina do dia-a-dia de B. e das principais decisões relativas ao filho. Enquanto isso, P., por ter uma carreira bem sucedida, assume os principais custos financeiros e, apesar do carinho por B., acabam tendo contato maior apenas aos finais de semana. F. se queixa de não poder dividir as tarefas com P.: “Parece que o filho é só meu”. F. gosta muito de ficar com B., mas acrescenta que assim que o filho conseguir se adaptar à escola, poderá pensar em retomar sua carreira.

Na versão 2: F. é Fernanda, P. é Paulo e B. é Bruno

Na versão 3: F. é Fernando, P. é Paula e B. é Bruno

Abaixo apontamos algumas sugestões que podem orientar o PROFESSOR no momento do debate, instigando os alunos a identificarem alguns pontos, problematizarem o que foi produzido e trocarem pontos de vistas:

- Para o(s) grupo(s) que ficaram com a primeira versão do caso verificar: quantos alunos identificaram F. como a mãe? Quantos como o pai? Quais informações no texto levaram a

esta conclusão? Por que estas informações estavam associadas a mulher ou ao homem? Qual a relação desta associação com o biológico, psicológico, histórico e/ou cultural que os alunos fazem?

- Identificar as primeiras impressões que os alunos e os grupos tiveram dos personagens: mãe, pai e criança. Quais destas impressões e imagens foram mantidas ou descartadas após a discussão em grupo?
- Observar a importância (ou não) das associações entre mulher – instinto materno – mundo privado (cuidado com a casa e filhos) e homem – provedor – mundo público (trabalho e leis da cultura) nas análises dos alunos.
- Observar a existência de divergências nas interpretações e imagens surgidas entre a versão dois e três do caso e o quanto elas se relacionam à questão de gênero.
- Apareceram julgamentos dependendo do sexo e papel desempenhados nas diferentes versões? Na versão três, os homens são vistos mais frágeis, “fracassados” por não terem uma carreira? Ou são vistos de forma mais benevolente por terem abdicado disso em nome do filho? A mulher que trabalha fora e se dedica à carreira é tida como egoísta ou exercendo mau o seu papel de mãe? E quando o homem é quem trabalha fora e a mãe cuida da casa e dos filhos como na

versão dois do caso? As mesmas qualidades e imagens são atribuídas a eles?

- Como o “desejo de ter um filho” é interpretado, caso ele parta da mulher ou do homem?
- Verificar o que a frase “Parece que o filho é só meu” desperta nos participantes, caso ela seja proferida pela mãe ou pelo pai. Interpretações de superproteção ou dificuldade de ter uma vida independente do filho aparecem igualmente caso seja um ou outro sexo que a profere?
- Se invertêssemos os sexos dos pais – escolhidos pelos alunos (na versão um) ou pré-determinados nas versões dois e três – as impressões dos personagens seriam as mesmas? Ou não? Por quais razões?
- Observar se as principais hipóteses para os problemas do filho mudam se os sexos são diferentes e se a responsabilização é predominantemente atribuída ao homem ou à mulher.
- Verificar o quanto se atribui os sintomas dos filhos aos comportamentos dos pais ou às dificuldades inerentes do desenvolvimento normal da criança.

Recursos

Os recursos básicos para esta sequência didática são:

- Casos impressos nas três versões para serem distribuídos aos alunos;
- Papel e caneta para anotação das impressões e entrega do Feedback.

Avaliação

O principal objetivo da sequência didática não é verificar os conhecimentos teóricos adquiridos, mas a sensibilização para a temática. Desta forma, opta-se como ferramenta avaliativa que os alunos entreguem individualmente um feedback ao professor, discorrendo de forma sucinta sobre pontos que a atividade os fizera refletir a respeito da temática proposta.

Conclusão

Destacar o papel fundamental da sociedade e da cultura no processo de reestruturação da identidade da mulher e do homem com a chegada de um filho, desnaturaliza certos atributos socialmente atribuídos ao homem e a mulher, permitindo que a singularidade de cada um seja evidenciada.

Problematizar e desmistificar certas imagens relativas à maternidade e paternidade parece fundamental no contexto de atendimento a crianças e famílias, evitando que certos “clichês” e eventuais julgamentos sobreponham-se a uma escuta profissional

que leve em conta a singularidade de cada caso e de cada família, bem como considere em suas análises e tratamentos a complexa articulação de fatores biopsicossociais.


Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1978.

MALDONADO, Maria. T. P. **Maternidade e paternidade**. (v. 2). Petrópolis: Vozes, 1989.

MOREIRA, Maria. I. C. **Gravidez e identidade do casal**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos. 1997.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

A vertical bar on the left side of the page, composed of horizontal stripes of the rainbow colors: purple, blue, green, yellow, orange, and red.

6. Desafios na formação de psicólogos diante da inclusão da população LGBTQIA+

Juliana Santos Graciani



Introdução

A Declaração Universal de Direitos Humanos promulgada em 1948 inaugura em relação aos países que se tornaram seus signatários, a valorização da pessoa humana, independente de sua etnia, crença religiosa, forma de viver as questões de gênero, sexualidade, cultura e expressão artística. Em seu artigo 1, destaca que: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade” (ONU, 2002, art.1º).

Pautados nessa visão, temos um desafio do século XXI, o convívio pacífico, fraterno e humanizado a todas as formas de estilos e perspectiva de expressão de vida humana. A Constituição Federal da República promulgada em 1988, institui o Estado Democrático de Direitos, onde a participação social é incentivada a toda a população, a fim de efetivar, defender, promover, prevenir, controlar, avaliar e monitorar o desenvolvimento das políticas públicas (GUERRA *et al.*, 2013). Assim, o Estado, a sociedade, as famílias, crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos são chamados a colaborar no enfrentamento a qualquer tipo de discriminação, preconceito, opressão e violência as minorias invisíveis tão presentes em nossa conjuntura atual: o feminicídio as mulheres, as violências físicas, psicológicas e sociais as pessoas Transgênero, a discriminação por meio de agressão verbal e violência física devido a identidade de gênero e a orientação sexual.

Em 2016, foi realizada a Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil, pela Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais –

ABGL, onde adolescentes e jovens LGBTQIA+ relataram que 73% dos estudantes que se declararam lésbicas, gays, bissexuais, transexuais foram agredidos verbalmente; 36% informaram ter sido vítima de agressões físicas e 60% dos discentes destacaram se sentirem inseguros na escola por serem LGBTQIA+ (ABGL, 2016, p.19).

Segundo Cerqueira et al. diante do Relatório Atlas da Violência publicado no ano de 2019, referente ao período de 2011 a 2017, foram registradas 1.720 denúncias de violações de direitos humanos contra a população LGBTQIA+, destas 193 foram de homicídios, 23 de tentativas e 423 de lesão corporal no ano de 2017, abrangendo o canal do Disque 100. Já os dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), apontam que no ano de 2016, cerca de 6.800 casos foram acompanhados contra homossexuais e bissexuais, incluindo averiguação das denúncias de violência física, psicológica e tortura, além de homicídios marcados por ampla expressão de crueldade.

A luta por igualdade e equidade de direitos é de todos nós, contribuindo para fazer valer a Constituição Federal Brasileira (1988, art. 5º), onde essa define que:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (CF, 1988, art.5º).

Tendo em vista essa conjuntura de enfrentamentos, lutas e desafios culturais, jurídicos, educacionais, sociais, econômicos e políticos, foi elaborada uma sequência didática para estudantes da

graduação do curso de Psicologia, especificamente a ser realizada em disciplinas com ênfase no eixo temático que envolvam práticas, projetos, conceito éticos e estágios básicos.

Curso de graduação ou pós-graduação

A área da Psicologia, segundo Telles (2003), busca a compreensão da subjetividade por meio da investigação da articulação entre múltiplas dimensões que envolvem o crescimento e desenvolvimento dos seres humanos.

O Ensino Superior por meio da graduação em Psicologia busca promover uma formação que envolva a qualificação profissional e simultaneamente a promoção dos aspectos éticos e pedagógicos da humanização desse estudante. Para tal, são utilizadas diversas metodologias e didáticas como: estudos de casos de equipes multiprofissionais e interdisciplinares, vivências de simulações de cenários de situações problemas, a participação na iniciação científica, monitorias e a estimulação as ações a serem promovidas na sociedade por meio da extensão universitária. Essas são de extrema importância para o desenvolvimento das habilidades e competências socioemociais e profissionais, contribuindo para a aprendizagem da cidadania dentro da faculdade, nos grupos de convívio e no empreendedorismo da construção de uma cidade cidadã.

Importante salientar que a área da Psicologia é regida pelo Código de Ética (2005) que estipula sete princípios norteadores da profissão envolvendo o respeito aos direitos humanos, a postura de não disseminação de qualquer forma de discriminação e preconceito, a ênfase em promover a qualidade de vida e a saúde das pessoas, a

promoção da responsabilidade do acesso da Psicologia a todos, a compreensão social, política, cultural e econômica da realidade em que se vive e por fim, o psicólogo deve zelar pela dignidade das pessoas.

Neste sentido, vale ressaltar que por meio do Conselho Federal de Psicologia, através da Resolução CFP N^a 1 (1999, art.3^o) essa estabeleceu as normas para atuação dos psicólogos frente as demandas da Orientação Sexual, estipulando que:

os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.

Parágrafo único. Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades (RESOLUÇÃO N^a 1, 1999, art. 3^o).

O Psicólogo em sua conduta profissional não deve ser conivente com qualquer forma de opressão a identidade de gênero (o jeito com o qual a pessoa se enxerga e se identifica), a orientação sexual (a maneira de sentir a atração afetiva e sexual), o sexo biológico (está relacionado a genitália e a combinação de cromossomo) e a expressão de gênero (comportamento pelo qual você expressa seu gênero), respeitando assim a diversidade cultural e pessoal na vivência pluralista da sexualidade humana e suas múltiplas formas de vivenciá-la (SENA; SOUZA; BRITO, 2018).

Outro aspecto importante da atuação e da formação do Psicólogo é ampliar seu conhecimento transversal referente a

temática LGBTQIA+, incluindo as principais agendas de políticas públicas que abrangem a essa população.

Em 2009, foi proposta pela Procuradoria Geral da República (PGR) uma mudança nas legislações brasileiras, onde o direito ao Nome Social, foi compreendido como um direito fundamental a dignidade da pessoa e em 2018 o Supremo Tribunal Federal (STF) autorizou pessoas transsexuais e transgêneros a alterarem o nome no registro civil, sem idade mínima e sem a exigência da cirurgia de redesignação sexual. Nesse mesmo ano, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) por meio da Resolução CFP nº 01/2018, garantiu que os psicólogos em sua Carteira Regional de Psicologia – CRP, tenham acesso garantido ao nome social em sua identificação profissional.

Pode-se observar pelo supracitado que o Conselho Federal de Psicologia (CFP) defende, valoriza, apoia, incentiva e estipula a conduta ética ao Psicólogo, abrangendo a compreensão a diversidade das orientações sexuais, como mais um dos temas de inclusão e vivências da sexualidade humana.

Na formação dos Psicólogos faz-se necessário criar espaços de diálogos diante dessas temáticas envolvendo o campo profissional, as diversas práticas de avaliação e intervenções psicológicas, o incentivo a tomada de decisões por meio do campo ético e legal, tendo um compromisso social de combate a discriminação, fomento de uma cultura inclusiva, participativa e respeitosa, disseminando uma gestão e liderança comprometida com transformações emergentes ao desrespeito aos direitos a população LGBTQIA+.

Disciplina

Ao realizar o planejamento da sequência didática denominada *“Desafios na formação de psicólogos diante da inclusão da população LGBTQIA+”*, idealizamos a organização dessa aprendizagem para a disciplina Ética Profissional do Psicólogo que é realizada no primeiro semestre da graduação em Psicologia.

A escolha dessa disciplina para a implantação da oficina *“Desafios na formação de psicólogos diante da inclusão da população LGBTQIA+”*, deu-se a partir dos objetivos de aprendizagem a que se propõe essa unidade temática, envolvendo cinco aspectos principais: I. Refletir criticamente acerca dos campos da moral e da ética e suas implicações na atividade profissional, considerando a ética da profissão na contemporaneidade à luz dos Direitos Humanos; II. Analisar o Código de Ética do Profissional Psicólogo; III. Analisar o exercício profissional do psicólogo e sua responsabilidade social no contexto da realidade brasileira; IV. Debater a atuação crítica e ética do futuro profissional nas áreas de pesquisa, ensino-aprendizagem e nas diversas áreas de atuação do psicólogo e V. Argumentar sobre as responsabilidades e desafios envolvidos na atuação interprofissional.

Esses objetivos visam desenvolver um profissional com as habilidades da criticidade, da participação, com a autonomia, a compreensão da realidade de forma socio-histórica, com comprometimento a superação das desigualdades, omissões e opressões às minorias invisíveis, tão presentes em nossa realidade brasileira.

Para Freire (1996) a educação deve ser capaz de promover o compartilhar de saberes, onde tanto discentes, como os docentes constroem conhecimentos por meio da problematização de ideias, investigação de causas e consequências, buscando uma elaboração conjunta de possíveis alternativas de superações das situações analisadas, visando colaborar nas mudanças e transformações em si mesmos, na sociedade e na diversidade de pensamentos, expressões de culturas e no convívio na nação.

Refletir e (re)pensar propostas de políticas públicas educacionais inclusivas a diversidade da identidade de gênero, as múltiplas orientações sexuais, a compreensão da perspectiva do sexo biológico e a expressão de gênero são desafios atuais do século XXI, onde os profissionais da área da saúde têm um papel fundamental frente a essa temática, promovendo um novo olhar, incluindo uma visão de que a sexualidade para além de uma compreensão biológica, envolve aspectos culturais, psicológicos, jurídicos e sociais, assim como inclui as lutas para efetivação dos direitos da população LGBTQIA+, a defesa ética contra a Homofobia, Transfobia e a qualquer forma de opressão e a discriminação.

A Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (UNESCO, 2002), destaca que o respeito à diversidade cultural é um dos meios para a superação de conflitos, onde aprendemos a conviver, interagir e a valorizar o movimento LGBTQIA+ e as políticas públicas de educação de gênero e de diversidade sexual.

Tema da aula

A aula terá como tema central os desafios na formação de psicólogos diante da inclusão da população LGBTQIA+, tendo por ênfase os discentes que estão cursando o Ensino Superior. A temática da aula se configura como um dos subitens dentro das reflexões acerca das Sexualidades e Gêneros, que permitem diversas abordagens dentro da grande área de pesquisa.

Conteúdo

O conteúdo que abrangerá as reflexões sobre os desafios na formação de psicólogos diante da inclusão da população LGBTQIA+, contará com três subdivisões, visando desenvolver os objetivos propostos, que abarcam: I. o acesso a informação de forma crítica, II. a elaboração de orientações comportamentais com aporte diante das legislações internacionais e nacionais da nação brasileira, bem como dos princípios do Código de Ética dos Psicólogos, bem como de suas Resoluções enquanto condutas norteadoras da profissão e das práticas profissionais de todos os Psicólogos e por fim, III. será proposto um mapeamento dos desafios a inclusão de gênero e a orientação sexual, apontando possíveis formas de enfrentamento da discriminação e preconceito frente a diversidade sexual.

Objetivos

Quanto aos objetivos da aula, esses serão divididos em objetivos gerais e objetivos específicos:

Objetivos gerais

- Promover um ambiente educacional dialógico e de interação respeitoso e ético frente a temática da sexualidade humana e seus múltiplos contextos;
- Despertar a curiosidade, a criticidade e solidariedade frente a realidade brasileira diante da população LGBTQIA+;
- Fomentar a capacidade de tomar decisões a partir de dados científicos e jurídicos sobre a identidade de gênero, orientação sexual, sexo biológico e expressão de gênero.

Objetivos específicos

- Desenvolver uma visão crítica frente aos dados científicos e jurídicos diante da população LGBTQIA+;
- Colaborar no crítico e protagonista diante do enfrentamento das discriminações e preconceitos a população LGBTQIA+;
- Contribuir para a elaboração de um diagnóstico situacional dos desafios enfrentados por uma demanda específica diante da população LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo e mais) bem como as alternativas de sua superação.

Metodologia

A metodologia a ser utilizada na sequência didática¹⁵, foi elaborada pensando na disciplina de Ética Profissional, no curso de graduação em Psicologia, para uma aula de duração de 03 horas, envolvendo quatro âmbitos de construção do conhecimento, dispostos numa trajetória didática em cinco fases:

Fase Introdutória – Criação dos grupos e dos contratos pedagógicos e de atitudes:

- Dividir a turma de alunos em subgrupos de 05 pessoas, de modo que o processo dialógico e democrático seja estabelecido. Estabeleça o seguinte contrato: Todos os membros do grupo devem dar sua opinião e essas devem comparecer nas atividades solicitadas.

Fase I – Acesso à Informação Científica e Jurídica:

- Na Fase I solicitar que os alunos busquem as informações nos artigos científicos oriundos do Google Acadêmico e outras plataformas, busquem as legislações que tragam quais são os direitos da diversidade sexual e encontrem pesquisas

15 A sequência didática proposta tem início na aula anterior a essa aula onde o professor deve num planejamento reverso, solicitar aos alunos que pesquisem nos sites indicados ou/e em outros locais, informações disponíveis na internet diante da temática população LGBTQIA+, sua qualidade de vida e desafios do século XXI. Pedir que tragam impresso um trecho das informações encontradas. A lista de sugestões de pesquisa encontra-se no capítulo Recursos.

relacionadas a realidade da discriminação, preconceito e opressão a população LGBTQIA+.

- Na sequência, solicitar que elaborem um mapa mental com as principais ideias a partir de duas questões: 1) Quais as diferenças entre identidade de gênero, orientação sexual, sexo biológico, expressão de gênero? 2) Qual a realidade da população LGBTQIA+?

Fase II – Elaboração de Ações para Enfrentamento em Diversos Contextos:

- Na Fase II a partir dos dados levantados nas pesquisas realizadas sistematizados no mapa mental na cartolina, solicitar que elaborem três ações de enfrentamento diante das vivências de preconceito e discriminação da população LGBTQIA+, a partir de três contextos: a) na família; b) na sociedade e c) na universidade.

Fase III – Criação de um diagnóstico situacional a uma demanda específica LGBTQIA+

- A Fase III consiste na criação de um diagnóstico situacional de três desafios enfrentados por uma demanda específica diante da população LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo e mais) bem como a elaboração de três alternativas ou mais

diante da superação da exclusão pessoal, social, política, cultural e econômica. Solicitar que no verso da cartolina, os discentes registrem suas respostas numa tabela com duas colunas: primeira coluna “Desafios” e segunda coluna “Superações”, diante de demandas específicas da diversidade sexual.

Fase Final – Apresentação e Debate:

- Na Fase Final cada grupo apresenta: a) As respostas as duas questões (Fase II); b) cartaz do Mapa Mental (Fase III) e c) tabela Diagnóstico Situacional (Fase III).

A seguir, apresento a Tabela 1. Contendo todas as etapas da sequência didática de forma concisa e resumida.

Tabela 6.1: Etapas da Metodologia Concisa

Etapas	Descrição	Duração
Fase Introdutória: Criação dos grupos e dos contratos pedagógicos e de atitudes	Divisão dos discentes em subgrupos de 05 pessoas e que aceitam respeitar e ouvir as opiniões dos colegas	15 minutos
Fase I: Acesso a Informação Científica e Jurídica	Refletir sobre as informações de pesquisas científicas e jurídicas e elaborar um mapa mental das principais ideias	40 minutos
Fase II: Elaboração de Ações para Enfrentamento em Diversos Contextos	Elaborar três ações de superação dos preconceitos e discriminação em três contextos diferentes (família, sociedade e universidade)	20 minutos
Fase III: Criação de um diagnóstico situacional a uma demanda específica LGBTQIA+	Criação de um diagnóstico situacional diante de uma demanda específica LGBTQIA+, destacando três desafios e três alternativas de superação	20 minutos
Fase Final: Apresentação e Debate	Apresentação dos grupos e ampliação dos conhecimentos	85 minutos

Fonte: Elaboração da autora (2020).

Recursos

Quanto aos recursos a serem utilizados para o desenvolvimento da aula, irei especificar por fase diante da sequência didática:

Em relação a Fase Inicial, disponibilizar a lista de links da legislação e do contexto da população LGBTQIA+ para estudo prévio a ministração desta aula.

Para a Fase I utilizaremos: celulares, computadores, a internet, por grupo 01 folha Cartolina e 01 conjunto de canetas coloridas. Enviar essa lista sugestiva na aula anterior a essa sequência didática. Segue links sugeridos para pesquisas relacionadas população LGBTQIA+:

Material Complementar a Aula:

ALTMANN, Helena. **Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente.** Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2933/293325757003.pdf>> Acesso em: Outubro de 2020.

ALVES, Elder Patrick Maia. **Diversidade cultural, patrimônio cultural material e cultura popular: a Unesco e a construção de um universalismo global.** Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000300007> Acesso em: Outubro de 2020.

BRASIL. **Lei 9.459 de 1997. Define os crimes de preconceito.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9459.htm#:~:text=%22Art.,%2C%20religi%C3%A3o%20ou%20proced%C3%Aancia%20nacional.%22&text=Praticar%2C%20induzir%20ou%20i>

[ncitar%20a,a%20tr%C3%AAs%20anos%20e%20multa](#) > Acesso em: Outubro de 2020.

BRASIL. Constituição da República Federal do Brasil. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: Outubro de 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução CFP Nº 1, 1999.

Disponível em: <<https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-1-1999-estabelece-normas-de-atuacao-para-os-psicologos-em-relacao-a-questao-da-orientacao-sexual?q=01/1999>> Acesso em: Outubro de 2020.

_____. **Resolução CFP Nº 1, 2018.** Disponível em:

<<https://site.cfp.org.br/stf-decide-que-trans-podem-mudar-registro-civil-sem-cirurgia/>> Acesso em: Outubro de 2020.

_____. **Código de Ética da Psicologia.** Disponível em: <

<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>> Acesso em: Outubro de 2020.

DEFENSORIA PUBLICA DO ESTADO DA BAHIA. Cartilha Diversidade Sexual Dados Defensoria. Disponível em:

<https://www.defensoria.ba.def.br/wp-content/uploads/2019/01/cartilha_diversidade-sexual.pdf> Acesso em: Outubro de 2020.

MENDES, Wallace Góes e SILVA, Cosme Marcelo Furtado Passos.

Homicídios da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT) no Brasil: uma Análise Espacial. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020000501709> Acesso em: Outubro de 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Orientação Sexual.**
Part. I Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>>
Acesso em: Outubro de 2020.

RAFAEL, Romero. **O que significa cada letra da sigla LGBTQIA+.**
Disponível em:
<<https://blogs.ne10.uol.com.br/social1/2020/06/30/o-que-significa-cada-letra-da-sigla-lgbtqia/>> Acesso em: Outubro de 2020.

ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal De Direitos Humanos.** Disponível em:
<<https://anistia.org.br/wp-content/uploads/2017/05/dudh.pdf>>
Acesso em: Outubro de 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. **Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural.** Disponível em:
<http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf>
Acesso em: Outubro de 2020.

VIANNA, Cláudia Pereira. **O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: perdas, ganhos e desafios.** Disponível em:
<<https://www.scielo.br/pdf/ep/v41n3/1517-9702-ep-1517-97022015031914.pdf>> Acesso em: Outubro de 2020.

Para a Fase II e III utilizaremos por grupo os dois lados de uma folha de Cartolina e um conjunto de canetas coloridas. Para a Fase Final utilizaremos a fita crepe para a fixação dos cartazes e apresentação de seus conteúdos.

Avaliação

Quanto a avaliação da aula, proponho utilizar o aplicativo Socrative¹⁶ solicitando que os discentes respondam as seguintes questões, com uma palavra: 1) O que você aprendeu de importante sobre seu comportamento hoje? 2) Na sua opinião, por que é importante refletir na formação dos psicólogos sobre a realidade da população LGBTQIA+?

O aplicativo Socrative é uma ferramenta de apoio ao educador, onde por meio de uma metodologia ativa e interativa, permite a verificação e a participação do aluno, onde ele responde de forma individual e digital e como resultados teremos a formação rápida numa tela do computador uma ilustração coletiva com as palavras enviadas por toda a turma. Neste sentido, essa metodologia permite a visualização reacional da turma como um todo, permitindo a contribuição de todos.

Conclusão

Podemos concluir que a sequência didática “Desafios na formação de psicólogos diante da inclusão da população LGBTQIA+”, pode promover uma visão pessoal ao discente da graduação em Psicologia, colaborar para o desenvolvimento de um olhar grupal e também possibilitar uma abordagem coletiva reflexiva, colaborativa, crítica e proativa na construção das relações na família, na sociedade e na universidade, da população LGBTQIA+, apontando

16 Socrative. Disponível em: <https://br.ccm.net/faq/13607-o-que-e-e-como-usar-socrative>. Acesso em Setembro 2020.

seus desafios e ações de superação das invisibilidades, discriminações, preconceitos e opressões diante dessa temática.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Presidência da República, 1988.

CERQUEIRA Daniel *et al.* **Atlas da Violência 2018**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2018. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf>. Acesso em: Setembro de 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética do Psicólogo**. 2005. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>>. Acesso em: Julho de 2020.

_____. **Resolução Nº 1/1999 Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual**. Disponível em: <<https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-1-1999-estabelece-normas-de-atuacao-para-os-psicologos-em-relacao-a-questao-da-orientacao-sexual?q=01/1999>>. Acesso em: Agosto de 2020.

_____. **Resolução Nº 1/2018, institui as normas de atuação de profissionais da Psicologia em relação às pessoas travestis e transexuais**. Disponível em: <<https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-1-1999-estabelece-normas-de-atuacao-para-os-psicologos-em-relacao-a-questao-da-orientacao-sexual?q=01/1999>>. Acesso em: Agosto de 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários a Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.


GUERRA, Antônia Márcia Araújo et al. **Crianças e Adolescentes tem Direitos: conheça o sistema de garantia de direitos e saiba como** participar. São Paulo: CONDECA: Manufatura de Ideias, 2013. Disponível em: <https://issuu.com/rosangelaeugenia/docs/livrreto_do_sistema_de_garantias_do>. Acesso em: Outubro de 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural**. Paris: Organizações das Nações Unidas, 2002. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf>. Acesso em: Setembro de 2020.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSSEXUAIS. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil** Disponível em: <<https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/pesquisa-nacional-sobre-o-ambiente-educacional-no-brasil-2015-as-experiencias-de-adolescentes-e-jovens-lesbicas-gays-bissexuais-travestis-e-transexuais-em-nossos-ambientes-educacionais,c42cc5a4-f48f-406b-a2ba-338b9d9cd16f>>. Acesso em: Setembro de 2020.

SENA, Ariane, SOUZA, Giovana e BRITO, Mattheus. **Entendo a diversidade sexual / Defensoria Pública do Estado da Bahia**. 1ª. ed. Salvador: ESDEP, 2018. Disponível em: <https://www.defensoria.ba.def.br/wp-content/uploads/2019/01/cartilha_diversidade-sexual.pdf>. Acesso em: Agosto de 2020.

TELLES, Vera. **O que é Psicologia**. Col. Primeiros Passos. São Paulo: Brasilense, 2003.

A vertical bar on the left side of the page, composed of horizontal stripes of the rainbow colors: purple, blue, green, yellow, orange, and red.

7. Questões sobre gênero: uma reflexão sobre a diversidade nas empresas

*Luciana de Magalhães
Pereira*



Introdução

Abordar o tema diversidade nas empresas é provocar a quebra de pensamentos e paradigmas enraizados em um modelo social enquadrado em padrões estabelecidos que subjugam o diferente, desacreditando-o muitas vezes.

Reflexões sobre gênero estão presentes ao abordar diversidade. A divisão de que sexo é natural (feminino e masculino) e gênero é construído ao longo da vida é a base da discussão de Butler ao problematizar que essa divisão pode associar o feminino como frágil e submisso, ideia enraizada de preconceito. A autora busca desvincular que o gênero surge a partir do sexo de nascimento e discute essa arbitrariedade (RODRIGUES, C., 2005). Dessa forma, discussões sobre gênero são necessárias para compreender a representatividade dos sujeitos na sociedade.

Esta sequência didática visa ampliar o debate sobre diversidade, aprofundando-se nas questões de gênero a fim de construir nos alunos uma visão mais justa sobre a sociedade e o entendimento que, para vencermos a luta contra o preconceito e discriminação, é necessário o envolvimento de todos e o enfrentamento de qualquer ato que impeça a equidade de oportunidades no mercado de trabalho.

Tais abordagens se justificam necessárias em cursos na área de negócios, pois parte-se do pressuposto que todo profissional desta área irá atuar em alguma empresa, interagindo com pessoas dentro das equipes, e muitas vezes exercendo posições de liderança.

Curso de Graduação ou Pós-Graduação

Abordar questões de gênero dentro da temática diversidade nas empresas faz-se necessário em qualquer curso da área de ciências sociais aplicadas, tanto de graduação como pós-graduação. Cursos voltados à área de negócios como Administração, Secretariado, Tecnólogos em Gestão, ou qualquer outra formação que aborde aspectos de gestão são favoráveis à discussão sobre o tema.

Parte-se do pressuposto que profissionais atuantes na gestão empresarial, independente da sub-área, irão atuar em organizações, trabalhar em equipes, ser liderado ou exercer a liderança. Portanto, trabalharão com pessoas.

Para promover a equidade social em termos de oportunidades de trabalho é preciso combater preconceitos, discriminações e desigualdades sociais enraizadas em um pensamento coletivo e histórico. Isto só se faz com o conhecimento. Ao abordar temas sobre diversidade e questões de gênero amplia-se a consciência de que independente de classe, etnia, gênero, orientação sexual, credo, são seres humanos, iguais em sua essência, buscando viver em plenitude.

Disciplina

O tema diversidade é trabalhado na disciplina Liderança, Cultura e Comportamento Organizacional, ou qualquer outra com a finalidade de discutir estes temas. Faz necessário essa discussão para despertar a consciência dos gestores a respeito da importância de trabalhar a diversidade e inclusão da comunidade LGBTQIA+ nas empresas, fomentar o trabalho em equipe sem discriminações garantindo harmonia e respeito entre seus membros, e introduzir

mudanças de cultura para inclusão de programas efetivos de diversidade dentro das organizações.

Tema da Aula

A temática sobre gênero é abordada neste trabalho dentro do contexto maior de diversidade, pois é muito difícil desassociar questões de gênero de outras discussões como étnico-raciais e classes sociais.

No mundo corporativo, discutir diversidade pode ser uma ilusão. A pauta social perde um pouco do espaço e da importância em relação aos resultados financeiros. Ao levar à compreensão dos gestores sobre dados de pesquisas que apontam melhorias em desempenho econômico e engajamento da equipe, além da imagem da organização no mercado ser mais positiva em empresas que apostam na diversidade como um todo (GPTW, 2020), traz um apelo reforçador do tema.

Mas, discutir diversidade vai além. É preciso romper as barreiras do preconceito e discriminação enraizados no ser humano, pois tendemos a evitar o diferente desde a pré-história, como um recurso natural de sobrevivência, conforme provoca Souto (2017) em seu artigo para o Valor Econômico. E só poderemos transpor essas barreiras com conscientização da importância de políticas e práticas efetivas de diversidade nas organizações.

Conteúdo

Discussão a respeito de conceitos sobre gênero em seu contexto histórico-social, abordando também questões sobre raça e classe social; as abordagens e estudos atuais sobre o tema gênero, incluindo o entendimento da sigla LGBTQIA+; a origem dos preconceitos enraizados nos indivíduos; as dificuldades no mercado de trabalho em relação ao tema diversidade; exemplos de empresas com programas efetivos de diversidade, demonstrando as boas práticas adotadas e os resultados obtidos.

Objetivos

Objetivos gerais

- Compreender a discussão sobre gênero e sexualidade em um contexto espaço-temporal;
- Aprender os conceitos sobre gênero e sexualidade da sigla LGBTQIA+ e sua importância na sociedade;
- Refletir sobre a origem dos preconceitos sociais e por que nos comportamos dessa forma.

Objetivos Específicos

- Pesquisar e discutir exemplos de boas práticas de mercado para inclusão da diversidade no âmbito organizacional;
- Criar maneiras de eliminar ou diminuir drasticamente os preconceitos enraizados na sociedade;

- Desenvolver práticas que possam ser aplicadas nas empresas para fomentar a discussão sobre políticas sobre diversidade.

Metodologia

A seguir será apresentado o roteiro de aula com a descrição das metodologias ativas que serão utilizadas. No quadro 7.1, há o resumo da sequência didática e a duração sugerida para cada atividade. É importante ressaltar a necessidade de realizar alterações nas etapas ou tempo de duração de acordo com o tamanho e características da turma.

1. Apresentação do tema: escolher uma personalidade conhecida no mundo LGBTQIA+ e contar sua história de vida, de forma breve, usando a técnica de *Storytelling*. Inicialmente sugere-se não dizer de qual pessoa está falando. Pedir que os alunos adivinhem e ao final revele o nome da personalidade escolhida.
2. Convide os alunos a refletir com a pergunta: Quem já presenciou discriminação de gênero e sexualidade?”. Dê alguns minutos para reflexão e abra para comentários, caso os alunos desejem.
3. Iniciar uma dinâmica de grupo com o intuito de levar aos alunos o conhecimento dos termos a respeito da temática gênero e sexualidade. O professor deverá escrever em cartelas pares de nomes e conceitos. Por exemplo: em uma cartela escrever o termo “Cisgênero” e na outra (seu par) o conceito “Pessoa que se identifica com o gênero atribuído”. Escreva quantas cartelas desejar, considerando o número de alunos,

com o máximo de termos que puder. Distribua as cartelas de forma aleatória entre os alunos. Se a turma for muito numerosa, eles podem formar duplas ou grupos. O aluno (dupla ou grupo) ao pegar sua cartela, deverá circular pela sala, lendo as cartelas dos outros alunos, até identificar o seu par, ou seja, termo mais o conceito correspondente, ou vice-versa.

4. Após o término da dinâmica o professor irá abordar e explicar os conceitos e demais conteúdos selecionados para discutir o tema. Pode ser usada a técnica expositiva ou expositiva-dialogada. Aborde em seu conteúdo os conceitos LGBTQIA+, traga dados atuais e/ou históricos da luta pelo fim da discriminação, casos de empresas que promovem programas de diversidade, entre outros que julgar relevantes.
5. Atividade em grupo: divida os alunos em grupos (quantidade dependerá do tamanho da turma). Cada grupo deverá criar uma campanha de diversidade para ser aplicada em uma empresa (pode ser empresa real ou fictícia). O material dependerá da estrutura da faculdade. Se tiverem acesso a computador, eles podem desenvolver a campanha em qualquer software disponível. Não seja possível, pode-se utilizar cartazes, recortes, pincéis atômicos, e o que mais tiver disponível e a criatividade permitir. Ao final, os grupos apresentarão a campanha aos demais colegas da turma.
6. Finalização da aula. O professor deverá comentar os trabalhos e abrir para comentários dos grupos também. Verificar se os objetivos foram atingidos e pedir que cada aluno diga, ou

escreva no quadro, uma palavra ou frase que possa sintetizar o aprendizado adquirido.

Quadro 7.1: Resumo metodologia de aula

Etapa	Descrição	Duração
1. Apresentação	<i>Storytelling</i> de personalidade LGBTQIA+.	10 minutos
2. Reflexão	Quem já presenciou discriminação de gênero e sexualidade?	5 minutos
3. Dinâmica de grupo	Distribuir cartelas com os termos e conceitos sobre Gênero e Sexualidade. Alunos devem encontrar o seu “par”. Por exemplo: uma cartela com o nome Cisgênero e outra com a frase “se identifica com o gênero atribuído”.	15 minutos
4. Conceitos	Abordagem de conteúdo sobre LGBTQIA+ e programas de diversidade nas empresas.	30 minutos
5. Atividade em grupo	Criar campanha de fomento à diversidade na empresa. Apresentar ao final da aula.	50 minutos
6. Reflexões	Cada aluno escreve uma palavra sobre aprendizado adquirido.	10 minutos

Fonte: elaborado pelo autor

Recursos

Datashow, som, cartelas com termos e conceitos, cartolina, canetas, durex, tesoura, post-it, revistas, entre outros.

Textos para leitura:

- Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero, de Sueli Carneiro.¹⁸
- Idade, Raça, Classe e Sexo: Mulheres redefinindo a diferença, de Audre Lorde.¹⁹
- Diversidade é uma ficção no mundo corporativo, de Rafael Souto.²⁰

Método de avaliação

Análise da atividade desenvolvida em grupo para fomentar a discussão sobre gênero e sexualidade nas empresas.

Instigar a reflexão no aluno para que ele analise o que sabia, o que desconhecia e o que aprendeu durante a aula.

Utilizar a avaliação em pares na qual os grupos irão se avaliar entre si e dar o *feedback* sobre o desempenho da atividade desenvolvida e apresentada.

18 http://www.unicap.br/neabi/?page_id=137

19 <http://www.pretaenerd.com.br/2015/11/traducao-idade-raca-classe-e-sexo.html>

20 <https://valor.globo.com/carreira/mercado-executivo/coluna/diversidade-e-uma-ficcao-no-mundo-corporativo.ghml>

Conclusão

O estudo sobre gêneros dentro da temática de diversidade é essencial para o rompimento de pré-conceitos enraizados na sociedade e promover a luta para justiça social e oportunidades iguais, cobrando dos indivíduos, governo e empresas atitudes não discriminatórias, com olhar sobre o ser humano, respeitando sua história, sua identidade e valorizando suas competências.

Esta temática de aula pode ser apresentada em diversos grupos, comunidades e faixa etária, adaptando o conteúdo e metodologias.

Ressalta-se a necessidade de alguns cuidados na abordagem sobre temáticas relacionadas a gênero e sexualidade devido a resistências que podem surgir devido a crenças limitantes, pré-conceitos enraizados na sociedade e transmitidos no âmbito familiar, religião, filosofias. Isto pode dificultar a aceitação em discutir o tema e confrontar com modelos mentais pré-estabelecidos. Além disso, há a possibilidade também do constrangimento ou traumas que podem ficar expostos durante a discussão. É essencial o cuidado do professor ao abordar o tema, com sensibilidade e empatia.

A discussão sobre gênero deve existir nas instituições de ensino brasileiras pois faz-se necessário criar uma consciência ética e não discriminatória nos profissionais do futuro, pois eles serão a linha de frente das organizações, criando e aplicando políticas e práticas de diversidade.

O ensino desta disciplina deve sempre ser baseado em dados científicos, que comprovem a importância desta temática. As aulas

pautadas no respeito, no direito à privacidade dos alunos e na empatia.

Referências Bibliográficas

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Disponível em: http://www.unicap.br/neabi/?page_id=137>. Acesso em 29.set.2020.

GPTW. Melhores Empresas GPTW LGBTQIA+ 2020. Disponível em: https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms/files/2705/1592426700GPTW_CONT_Estudo_Lista_LGBTQI2020_VF.pdf>. Acesso em 29.set.2020.

LORDE, Audre. Idade, Raça, Classe e Sexo: Mulheres redefinindo a diferença. Tradução disponível em: <http://www.pretaenerd.com.br/2015/11/traducao-idade-raca-classe-e-sexo.html>>. Acesso em 29.set.2020.

RODRIGUES, Carla. Butler e a desconstrução do gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 216, janeiro-abril/2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a12v13n1.pdf>>. Acesso em 29.set.2020.

SOUTO, Rafael. Diversidade é uma ficção no mundo corporativo. **Valor Econômico**. Disponível em: <https://valor.globo.com/carreira/mercado-executivo/coluna/diversidade-e-uma-ficcao-no-mundo-corporativo.ghtml>>. Acesso em 29.set.2020.

A vertical bar on the left side of the page, composed of horizontal stripes of the rainbow colors: purple, blue, green, yellow, orange, and red.

8. *Drags:* Performando *queens e kings*

*Manuel Fabrício
Alves de Andrade*



Introdução

Esta atividade tem como objetivo abordar a prática *Drag* em seus aspectos conceituais e práticos, por meio da observação de artistas *drags* do Brasil, como *Miss Biá*, *Silvetty Montilla*, *Charllie Wayne*, entre outros, e da prática performática da “montação²²” em *drag*, a partir da didática dos jogos teatrais. Assim, alunes em formação terão a possibilidade de expressarem-se em um ambiente amistoso e encorajador, onde a noção de coletividade é fundamental para o processo pedagógico, como propõem os jogos teatrais.

Curso de graduação ou pós-graduação.

Esta sequência didática poderá ser utilizada tanto para cursos de graduação (licenciatura e bacharelado), quanto de pós-graduação em Artes Cênicas (Circo, Dança, Ópera, Teatro etc.), Artes Visuais, Performance Arte e qualquer curso que contemple atividades de atuação e performance em seu currículo.

22 Nesta abordagem, optou-se por utilizar o termo “montação” no lugar de “travestismo” ou “travestimento”, em respeito à luta travada por travestis e transgêneros pela ressignificação da palavra “travesti”, em busca da humanização de suas existências. Opõem-se ao imaginário hegemônico que associa travesti a fantasia (carnavalesca e afins), fetiche, exotismo etc., enquanto reivindicam espaços na vida social por meio de garantias legais, inserção de pessoas trans no mercado de trabalho e criação de políticas públicas de apoio à comunidade. Para mais informações consultar: PODCAST XICAST. “Xicast #9: Vozes Travestis”. Podcast XICAST: Centro Acadêmico XI de agosto. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/17qyFveICTzAonuBhE4aDC?si=ShnMC19PSPCsYoJcHCGuJQ>>. Acesso em: 03 out. 2020; CORREIO BRAZILIENSE. “Transsexuais no Brasil: uma luta por identidade”. Correio Braziliense. Disponível em: <<http://especiais.correiobraziliense.com.br/luta-por-identidade>>. Acesso em: 05 out. 2020

Por se tratar de áreas do conhecimento vinculadas às artes e a técnicas diversas de expressão, entende-se ser de grande importância a discussão sobre gênero e sexualidade a partir dos elementos que constituem a expressividade humana em ação, como a gestualidade, as inflexões vocais, as posturas e os modos de agir em situações diversas, elementos que, assim como o vestuário, dão forma às expressões de gênero e, segundo o pensamento hegemônico cis-heteronormativo (VENTURA, 2016, p. 52-61), devem-se orientar pelo sexo atribuído à pessoa em seu nascimento (QUINTANILHA, 2019; REIS, 2018). Desconstruir este imaginário, pode contribuir para o aprofundamento da discussão do tema em sociedade e para a diminuição das violências direcionadas às pessoas LGBTQIA+.

Disciplina

Aula elaborada para a disciplina de Jogos Teatrais ou Improvisação. No entanto, pode ser aplicada em outras, como: Atuação e Performance; Arte, Corpo e Movimento; Artes do Corpo; etc.

Não há um semestre em específico para que seja aplicada, podendo servir do primeiro ao último semestre. É importante que a turma já tenha alguma noção da dinâmica dos jogos teatrais e dos exercícios de improviso em grupo, para um melhor aproveitamento do tempo. No entanto, a depender da carga horária disponível para a aula, nada impede que se introduzam as noções previamente.

Tema da aula

A performance artística da/do *Drag: queen / king*. Performar gêneros opostos por meio da ironia, do escracho e dos jogos teatrais.

Como observa o “Manual de Comunicação LGBTI+” (REIS, 2018), *drags* são pessoas que se vestem com roupas femininas (*queens*) ou masculinas (*kings*), “(...) de forma satírica e extravagante para o exercício da profissão em shows e outros eventos” (p. 28). É um tipo de “transformismo” no qual “(...) o uso das roupas está ligado a questões artísticas (...), a produção necessariamente focaliza o humor, o exagero” (ABGLT, 2010, p. 16 *apud* REIS, 2018, p. 23).

A *drag* suscita inquietação sobre a flexibilidade dos corpos. Ela escancara o modo como os gêneros podem ser construídos. Sem território definido, ela vive em estado transitório, mostrando que as fronteiras dos gêneros podem ser ultrapassadas, quase descartadas. Suas misturas inventivas e sua maneira de “ser não sendo” evidenciam como a *drag* trabalha com mais de uma identidade e de um gênero (TREVISAN, 2018, p. 509).

Ao propor-se experimentar a transformação no gênero oposto e o jogo com os elementos que compõem essas performances, abre-se espaço para compreender-se a fluidez e a multiplicidade de expressões de gênero por meio do lúdico e da criação em grupo.

Conteúdo

O que é uma *drag queen* / um *drag king*? Definir como esta categoria de performer é compreendida.

Trajetórias de *drags queens* e *kings*: Miss Biá; Silvetty Montilla; Charlie Wayne.

Montação: o que é e como faz? “Processo de aplicar maquiagem e roupas para assumir a persona *drag*”. (PINHOTI; REGADAS; LIMA, 2017)

Jogos teatrais.

Criação e performance das/dos *drags queens* / *kings*.

Objetivos

Objetivos gerais

- Conhecer o universo *drag*;
- Compreender questões ligadas à prática de *drag* e de identidade e expressão de gênero;
- Criar e performar uma personagem *drag*.

Objetivos específicos

- Criar um ambiente acolhedor e propício ao trabalho em grupo;
- Compartilhar conhecimento e experiências;
- Desenvolver habilidades de criação e de improviso performático.

Metodologia

Quadro 8.1: Descrição da sequência didática

Etapas	Descrição	Duração
Contextualização	Roda de compartilhamento sobre conhecimentos prévios a respeito do/da <i>drag</i> , seguida de explanação sobre o conceito de <i>drag</i> e a exposição de trajetórias de artistas <i>drags</i> do Brasil, por meio de vídeos e textos.	45 a 50 minutos.
Jogos de quebra gelo.	São exercícios de Jogos Teatrais que têm como objetivo promover uma interação lúdica entre os/as participantes da aula, fomentando um ambiente de convivência descontraída. “Pega-pegas”, “Lenço atrás”, “Nó”, “Batatinha Frita”, “Revezamento com objeto” etc. (SPOLIN, 2010; 2012).	15 minutos.
“Montação”	Ato de caracterizar-se como a personagem que se imagina. Previamente foram solicitadas peças de roupas diversas, perucas, bigodes etc., e maquiagens ou tinta para a pele. Os artigos poderão ser compartilhados por todas as pessoas na aula, para que se “montem” como quiserem, com foco na inversão e/ou na confusão dos gêneros. O exagero é sempre bem-vindo.	30 minutos.

Experimentação	<p>Exercícios voltados para a investigação de modos de caminhar pelo espaço, de gesticular, de empregar o corpo em uma ação.</p> <p>Parte-se daquilo que cada pessoa entende como o seu jeito “normal” de se comportar, rumo a modificar o caminhar (passadas mais largas ou curtas, mais rápidas ou lentas, rebolando ou enrijecendo os quadris etc.); de gesticular (com leveza ou peso, lentamente ou rapidamente, exageradamente ou contidamente etc.); de olhar (languidamente ou duramente, extrovertidamente ou introvertidamente etc.); e de interagir com o coletivo em situações diversas (cumprimentos, despedidas, disputas, compartilhamento de espaços, como praças, supermercados, praias etc.), com foco sobre o trabalho em grupo, no qual todas as pessoas são responsáveis pela manutenção do jogo.</p>	30 minutos.
Desfile	Desfile das personagens criadas.	10 a 15 minutos.
Finalização	Roda de compartilhamento das experiências e <i>feedbacks</i> .	10 a 15 minutos.

Recursos

Projeto (Datashow).

Computador.

Aparelho de som.

Roupas trazidas pelos/pelas participantes, de preferência coloridas, exageradas, incomuns; acessórios como bolsas, calçados, cintos, chapéus, perucas, bigodes, tiaras etc. e encheimentos para dar volumes ao corpo. (Na impossibilidade de roupas e adereços, podem ser substituídos por materiais alternativos, como papéis e plásticos, descartes, sucata etc.).

Maquiagens, purpurina e tintas que possam ser utilizadas sobre a pele.

Espelhos, pentes, escovas, grampos e demais artigos de toalete.

Links de vídeos com entrevistas e apresentações. (Selecionar o tempo de exibição que couber na carga horária disponível. Os outros podem ficar de sugestão para a turma).

Miss Biá

“Memórias da Diversidade Sexual - Miss Biá Part. 1/4 (Museu da Diversidade Sexual)”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=emUAjSkIAYU&t=28s>>. Acesso em 10 out. 2020.

“Memórias da Diversidade Sexual - Miss Biá Part. 2/4 (Museu da Diversidade Sexual)”. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=FVmiql-O7LI>>. Acesso em 10 out. 2020.

“Memórias da Diversidade Sexual - Miss Biá Part. 3/4 (Museu da Diversidade Sexual)”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qIKzPrYbwKM>>. Acesso em 10 out. 2020.

“Memórias da Diversidade Sexual - Miss Biá Part. 4/4 (Memórias da Diversidade Sexual)”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dqV23-EDuDk>>. Acesso em 10 out. 2020.

Silvetty Montilla.

“Silvetty Montilla como você nunca viu | Dellamake”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a7JgTjeSon4>>. Acesso em 10 out. 2020.

“Silvetty Montilla - Pra quem não conhece - Terça Insana 18 anos especial”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=huFCQOTOiFM>>. Acesso em 10 out. 2020.

“Silvetty Montilla: Um dos maiores artistas da noite LGBT brasileira | Café com Selinho”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zK-awGr-lh8>>. Acesso em 10 out. 2020.

Charlie Wayne.

“[CARÃO] Charlie Wayne - Gender is Imagination - Drag King Performance”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1ZxyKtcXhKA>>. Acesso em 10 out. 2020.

“Já ouviu falar em *Drag King*? [DRAG-SE] Charlie Wayne”.
Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=tXbQfzoYow0&t=45s>>.
Acesso em 10 out. 2020.

“[LADO D] Charlie Wayne - Barba de Glitter - *Drag King Makeup*”.
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nq4485a-cMM>>. Acesso em 10 out. 2020.

“Tutorial Gravata Borboleta | Diy | [LADO D] Charlie Wayne”.
Disponível em: <
<https://www.youtube.com/watch?v=ucFLfFrlHyY>>. Acesso em
10 out. 2020.

Mais Drags Kings.

“Mulheres *Drag King* | Edição Extra - Dezembro 2018”. Disponível
em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=MfiZn6gYxck&t=152s>>.
Acesso em 10 out. 2020.

“Pela primeira vez no Brasil, uma Mostra Internacional *Drag King*”.
Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=PMkRhFhwszE>>. Acesso
em 10 out. 2020.

Avaliação

Não haverá avaliação no sentido de atribuição de valor ou nota para o desempenho. No entanto, haverá um momento para autoavaliação, em que se procura averiguar como foi realizar a atividade para cada pessoa, e de avaliação pelos pares, momento em que se fará o compartilhamento das impressões de cada participante sobre seus/suas colegas.

A proposta dos jogos teatrais, segundo Spolin (2010), não visa formar atores e atrizes, mas criar um ambiente no qual as pessoas se sintam à vontade para jogar e para construírem uma ação coletivamente. O processo fundamenta-se sobre três princípios “Foco, Instrução e Avaliação”, como elementos que ajudam a conduzir as dinâmicas ao propor um foco de atenção para cada exercício, que orientará a ação dos/das jogadores/ras, segundo a instrução dada pelo/la condutor/ra da atividade. A avaliação, neste caso, é compreendida como a etapa em que jogadores/ras e condutor/ra observam se as instruções foram seguidas para a manutenção do foco e, conseqüentemente, para o cumprimento do objetivo pré-determinado. Não há avaliação no sentido de juízo de valor ou para concluir se algo foi certo ou errado. Apenas avalia-se se o foco foi mantido e as instruções seguidas.

O mais importante é o compartilhamento das impressões e experiências individuais.

Conclusão

Espera-se que os/as alunes-jogadores possam vivenciar, por meio do lúdico, desempenhar ações que promovam autoconhecimento, bem-estar, senso de pertencimento a um grupo, liberdade e encorajamento para transgredirem normas impostas ao comportamento, sobretudo aquelas impostas por uma definição hegemônica de gênero. Trevisan (2018) destaca a histórica resistência homossexual aos sistemas de poder instituídos, que buscam controlar por meio de convenções sociais, mas são burlados por este grupo. “Nessa subversão cultural se inscrevem o deboche, a desmunhecação,

a ironia e o riso, florescendo num descaso pelas normas de gênero sexual”. (TREVISAN, 2018, pg. 34). Que possam ter uma experiência libertadora ou subversiva em relação aos padrões impostos, ao se proporem a performar irônica e debochadamente os comportamentos pressupostos a homens e mulheres, borrando os limites entre o ser e o parecer. Espera-se, ainda, que como futuros profissionais, estas pessoas tenham maior conhecimento sobre as questões de gênero e sexualidade e que possam, assim, promover um aprofundamento nos debates e nas práticas públicas de enfrentamento às discriminações e violências voltadas à população LGBTQIA+. Da mesma forma, espera-se que educadores e educadoras que tenham vivenciado tais abordagens em suas formações, tenham ferramentas para trabalharem no ambiente escolar com maior conhecimento e possibilidades de inserções do tema em suas didáticas, promovendo, assim, uma melhoria nas abordagens sobre gênero e sexualidade dentro da escola.

Referências Bibliográficas

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. “Ser e estar *drag queen*: um estudo sobre a configuração da identidade *queer*”. **SciELO**: Estudos de psicologia - UFNR. (Natal), Natal, v. 9, n. 3, p. 471-478, Dez.2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20.out.2020.

PINHONI, Marina; REGADAS, Tatiana; LIMA, Thaís. “Dicionário drag queen: aprenda as gírias mais usadas”. **G1 Pop & Arte**, 06 de Outubro de 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop->

[arte/noticia/dicionario-drag-queen-aprenda-as-gurias-mais-usadas.ghml](#)>. Acesso em 29 out. 2020.

_____. “Drag queen é questão de gênero? Apesar de ligada à comunidade LGBTQ, a arte não tem nada a ver com gênero ou sexualidade”. **G1 Pop & Arte**, 06 de Outubro de 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/drag-queen-e-questao-de-genero.ghml>>. Acesso em: 29 set. 2020.

QUINTANILHA, Renan. “‘Menino veste azul, menina veste rosa’: uma polêmica inútil?”. **Revista Cult**. 04/01/2019. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/menino-veste-azul-menina-veste-rosa/>>. Acesso em: 05 out. 2020.

REIS, Toni. (org.). **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2ª edição. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018. Disponível em: <<https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2020.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2005.


_____. **Jogos Teatrais na sala de aula**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2010a.

_____. **O Jogo Teatral no Livro do Diretor**. 2ª edição. Tradução: Ingrid Dormien Koudela e Eduardo Amos. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2010b.

_____. **Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4^a ed. rev., atual. e amp. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. [Tese]. UFBA, Salvador: 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19685/1/VERGUEIRO%20Viviane%20-%20Por%20inflexoes%20decoloniais%20de%20corpos%20e%20identidades%20de%20genero%20inconformes.pdf>>. Acesso em 29 out. 2020.

A vertical bar on the left side of the page, composed of horizontal stripes of various colors: purple, blue, green, yellow, orange, and red.

9. *Drag* e Moda: Performatividade e Tecnologia de Gênero

Natalia Rosa Epaminondas



Introdução

A performance *drag* (*drag queen*, *drag king* ou *drag queer*) pode ser usada como um exemplo para construir uma aula sobre noções básicas dos estudos de gênero, mais especificamente dos conceitos de “tecnologia do gênero” de De Lauretis e de “performatividade” de Butler, e o papel da moda para tais mecanismos.

O tema da performance *drag* foi escolhido por ser um assunto que faz parte da vida de muitos estudantes, pois está presente na cultura pop e na história da moda brasileira. Dessa forma, ele cria curiosidade e desperta o interesse tanto em alunos que já conhecem o universo *drag*, quanto nos que não conhecem e desejam entendê-lo. Com isso, é possível usar a formulação de Butler a respeito da performance *drag* enquanto paródia de gênero como um dispositivo para o entendimento de outros conceitos da teoria de gênero.

Esta sequência foi pensada para enriquecer a convivência entre estudantes de gêneros e sexualidades diferentes, além de formar profissionais conscientes das relações entre moda e gênero, com pensamento crítico sobre o assunto e aptos a fazer escolhas profissionais a partir dessa aprendizagem. Tem um caráter de introdução a questões básicas dos estudos de gênero, e não deve ser a única aula oferecida sobre o assunto, pois tem como foco apenas um tipo de abordagem do feminismo e dos estudos de gênero, a pós-estruturalista.

Curso de graduação ou pós-graduação

A sequência didática foi criada para o curso de graduação em Moda, embora seja possível a utilização em outros cursos, com

algumas alterações. O estudo e entendimento de temas voltados a sexualidade e gênero são importantes para a área de moda, por três motivos. Primeiramente, para que a faculdade possa acolher estudantes de diversas expressões e vivências de gênero e sexualidade, enriquecendo o curso e o mercado de trabalho. Além disso, a moda e a indumentária podem ser consideradas tecnologias de gênero e performatividade, de modo que a área e o mercado de moda podem influenciar a forma como a sociedade entende o gênero e as sexualidades. Portanto é importante que os profissionais da área entendam essa influência e façam suas escolhas a respeito de como irão atuar profissionalmente a partir desse entendimento. E por último, o debate sobre esses assuntos na graduação pode influenciar o interesse de estudantes pela leitura e pesquisa na área de moda e gênero, campo relativamente pouco explorado e que pode ser um caminho profissional benéfico para discentes e para a sociedade.

Disciplina

A sequência foi desenvolvida para a disciplina “Cultura, Estilo e Moda”, que tem como objetivo analisar, compreender e utilizar conceitos relacionados ao campo de estudo da cultura e da moda. Posteriormente, após uma mudança curricular do curso, tal disciplina foi substituída pela matéria “Moda e Identidade Cultural”, que tem entre seus objetivos entender e analisar os conceitos em torno da diversidade cultural, étnica, de gênero e sexualidade. Esta sequência didática foi aplicada a ambas disciplinas, e também pode ser adaptada a outras que tenham objetivos similares. Ambas matérias são teóricas e indicadas para o terceiro semestre, segundo ano do curso.

Tema da aula

A grande temática da aula é “Questões sobre moda e gênero”. Mais especificamente, o conceito de “tecnologia do gênero” de De Lauretis e o conceito de “performatividade de gênero” de Judith Butler serão os temas norteadores da sequência didática.

Os estudos feministas e de gênero formam um campo de saber científico caracterizado por sua interdisciplinariedade. Dentro desse campo, há diversas teorias de gênero construídas a partir de linhas que se relacionam com movimentos políticos, intelectuais e de ativismos, como por exemplo o materialismo francês, o pós-estruturalismo e a decolonialidade. Para a ocasião desta atividade didática, será abordado um entendimento do conceito de gênero formulado por duas autoras que se alinham ao pós-estruturalismo e aos estudos *queer*. Tal conceito é formulado principalmente pela crítica e pela desconstrução das normas e da categorização dos sexos na sociedade e na academia.

A teórica italiana Teresa de Lauretis propôs essa desconstrução em seu importante texto “A tecnologia de gênero” (1994), onde sugere que o sistema sexo-gênero adotado pelos estudos feministas do período reforçava o binarismo e o essencialismo das categorias homem e mulher, que mantém os sistemas sexistas e opressores. Com De Lauretis, é possível conceituar gênero como uma representação que ao mesmo tempo é a sua construção, tendo a arte e a cultura como registros da história dessa construção e como tecnologias que a reforçam ou a reformam. Para De Lauretis, os gêneros estão constantemente sendo construídos, inclusive, paradoxalmente, a partir de sua desconstrução.

Uma das questões a ser levantadas em aula é a possibilidade de a moda fazer parte dessa construção, de ser uma tecnologia do gênero. Um exemplo de aplicabilidade do conceito de tecnologia de gênero ao vestir é a tese “Sapatos tem sexo? Metáforas de gênero em lésbicas de baixa renda, negras, no nordeste do Brasil” da pesquisadora Gilberta Santos Soares (2016), que entende o estilo de vestir de um grupo de lésbicas como “ferramentas” ou tecnologias de gênero usadas para resistência, erotismo, transgressão e negociação de existência.

Usando como aporte teórico Butler e Lauretis, podemos complexificar esse conceito de gêneros que estão constantemente sendo construídos, desconstruídos e reconstruídos pelo discurso e por ações que usam os elementos da moda como ferramentas, e explorar a crítica ao sistema sexo-gênero. A filósofa estadunidense Judith Butler explora o conceito de performatividade de gênero em muitas produções, com destaque para os livros “Corpos que importam” (2020) e “Problemas de Gênero” (2013).

A partir dos escritos de Butler, é possível elaborar a ideia de que o “sexo” é tão culturalmente construído quanto o gênero, portanto o sistema sexo-gênero que considera o sexo como sendo natural e o gênero como algo construído culturalmente deve ser descartado. Para Butler, o gênero e, portanto, o sexo, são importantes normas da sociedade impostas aos indivíduos, que por sua vez são “generificados” através da performatividade: a repetição de atos, gestos e signos. Para Butler, portanto, os gêneros existem porque estamos constantemente performando.

Soares (2016) também aborda a performatividade em sua análise de um grupo de lésbicas no Nordeste que identificam o seu estilo como “bofe” – uma performatividade mais masculina que feminina, mas que existe no tensionamento dessas categorias.

É possível exemplificar o conceito de performatividade pela ideia de paródia de gênero através da performance *drag*. Butler entende a prática *drag* como uma subversão do gênero através do exagero dos elementos de performatividade, como as roupas, a maquiagem e os cabelos, assim como outros signos, atos e gestos. Butler explora:

Ao imitar o gênero, a drag revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero – assim como sua contingência. Aliás, parte do prazer, da vertigem da performance, está no reconhecimento da contingência radical da relação entre sexo e gênero diante das configurações culturais de unidades causais que normalmente são supostas naturais e necessárias (BUTLER, 2013, p. 237).

Para um aprofundamento nessas questões, sugere-se a leitura das referências deste artigo. Porém, o objetivo da sequência didática é fazer uma introdução a esses conceitos, e por isso a escolha de leitura sugerida aos estudantes não é um texto de Lauretis ou de Butler, mas sim de outro que se foque na performance *drag*. Assim, em sala de aula, o docente poderá aproximar essas teorias ao universo dos estudantes através do exemplo da paródia de gênero *drag*. É responsabilidade do docente compreender suficientemente tais conceitos para poder explicá-los usando a discussão sobre *drags* como ponto de partida.

Conteúdo

Antes de discutir os conceitos de tecnologia e performatividade de gênero, esta sequência propõe a leitura e a discussão de um texto acadêmico que aborde a performance artística *drag queen*. O texto pode variar, e já foram usados textos diferentes em semestres diferentes, mas o importante é que ele apresente o universo *drag* e sua relação com a moda.

Durante a discussão sobre o texto, questões dos próprios estudantes a respeito de conceitos básicos ligados a gênero e sexualidade surgem, e são abordadas durante a discussão entre alunos e posteriormente pelo docente. Assim, é construído um entendimento teórico de forma coletiva dos significados de tais conceitos. Então, com a curiosidade aguçada pela discussão, e com uma base teórica, estudantes estão mais aptos ao entendimento dos conceitos de tecnologia e performatividade.

Objetivos

Objetivos gerais

- Identificar e entender conceitos básicos dos estudos de gênero;
- Reconhecer e analisar as relações entre moda e gênero;
- Desenvolver visão crítica a respeito dos paradigmas sociais relativos a gênero.

Objetivos específicos

- Conhecer a prática de performance *drag* e sua relação com a moda;
- Compreender o conceito de “tecnologia de gênero” e sua relação com a moda;
- Compreender o conceito de “performance de gênero” e sua relação com a moda, a cultura, a vida coletiva em sociedade e a experiência individual de identidade.

Metodologia

Esta sequência didática foi aplicada em aulas de 3 horas, com 20 minutos de intervalo. Como se trata de uma disciplina teórica, na primeira aula da matéria é apresentado aos estudantes um cronograma de aulas com as leituras obrigatórias. Portanto, os estudantes ficam responsáveis por reservar um tempo extraclasse para acessar o texto recomendado.

Com a leitura feita antes da aula, o primeiro tempo é dedicado para que estudantes conversem sobre suas impressões acerca do texto e seus pontos principais. Um grupo de estudantes deve ficar responsável por levar algumas perguntas sobre o texto para o grupo e mediar a discussão, com a supervisão docente. Devem incentivar colegas a falar, caso precise, ou manter o foco do debate no assunto principal, caso a discussão enrede para outros temas. Esse papel de mediador é a primeira avaliação da disciplina.

Após o final do debate e um intervalo, é feita uma dinâmica de *brainstorm* com todos os alunos, organizada pelo docente. Estudantes são incentivados a montar uma lista de palavras ligadas a conceitos básicos de gênero que apareceram na discussão e seus significados. Exemplos de palavras que podem ser citadas: homem, mulher, não binário, gênero, sexo, sexualidade, drag queen, drag king, transexual, travesti, entre várias outras. O papel do docente, nessa etapa, é oferecer definições adequadas às palavras, caso necessário, de acordo com os conceitos do campo dos estudos de gênero.

Alternativamente, essa lista de palavras pode ser feita ao mesmo tempo que o debate sobre o texto acontece, por um aluno mediador, ou pelo professor. Essa decisão deve ser feita levando em conta o perfil dos alunos e o tempo disponível para as atividades. Mesmo assim, é necessário que o momento de definir as palavras seja feito após a discussão e o intervalo, para que todos os alunos possam participar dessa construção coletiva de conhecimento.

Feito esse *brainstorm* e com o alinhamento de conceitos básicos dos estudos de gênero, é feita uma aula expositiva dialogada focada na explicação do conceito de “tecnologia do gênero” de De Lauretis e o conceito de “performatividade de gênero” de Butler, relacionando com o texto discutido no primeiro tempo da aula. O gancho deve ser a relação que Butler faz entre performance *drag* e performatividade de gênero.

Tabela 9.1: Descrição da sequência didática

Etapa	Descrição	Duração
Pré-aula	Leitura prévia de texto sobre <i>drag queen</i> .	30 minutos (estimado)
Primeiro tempo da aula	Discussão entre alunos sobre o texto, com mediação de um grupo de estudantes.	80 minutos
Intervalo	-	20 minutos
Segundo tempo da aula: começo	<i>Brainstorm</i> no quadro branco com conceituação de palavras chave ligadas gênero.	40 minutos
Segundo tempo da aula: final	Aula expositiva dialogada a respeito dos conceitos de tecnologia e performance de gênero.	40 minutos

Recursos

Como sugestão de texto para a discussão do primeiro tempo da aula, pode ser lido o artigo “Fora do Armário, Dentro do Closet” de Ana Paula Vencatto (2005), ou o terceiro capítulo do Trabalho de

Conclusão de Curso “*We’re born naked and the rest is drag*: vestimenta, corpo e personagem das *drag queens* de Fortaleza” de Leon Souza Silva (2017). A escolha entre esses dois ou outro texto deve ser orientada pelo perfil dos estudantes e seu hábito e disposição para ler um texto acadêmico. O texto também pode ser trocado por um documentário ou vídeo disponível online. O importante é que esse material apresente o que significa *drag queen* (ou ainda *drag king* e *drag queer*) e a importância das roupas, acessórios e maquiagem para a performance.

Como fonte teórica para a aula expositiva dialogada, sugiro o texto “A tecnologia de gênero” de De Lauretis e os livros “Corpos que importam” e “Problemas de Gênero” de Butler. Como leitura opcional sobre o assunto, recomendo “Judith Butler e a Teoria Queer” de Salih e “Identidade” de Ciampa.

O grupo mediador pode usar como recurso uma apresentação de *slides*, caso julgue necessário. Para o *brainstorm* e a aula expositiva dialogada, pode ser usado um quadro e uma apresentação. Desse modo, caso a aula seja presencial, são necessários um quadro, um computador e um projetor. Caso a aula seja remota, é necessário apenas uma plataforma que suporte o compartilhamento de tais arquivos e que tenha uma ferramenta de quadro branco virtual.

Avaliação

Esta sequência didática foi montada no contexto de uma disciplina que possui como primeira avaliação a mediação, em grupos de 2 a 5 alunos, de uma discussão entre todos os estudantes da turma a respeito de um texto acadêmico. Durante várias aulas da

disciplina, os grupos mediadores vão se revezando, até que todos tenham mediado e, conseqüentemente, tenham sido avaliados.

Portanto, para esta sequência, o grupo mediador estará sendo avaliado pela síntese e apresentação dos principais pontos do texto, compreensão e interpretação do material, comunicação oral, trabalho em grupo, compreensão e desenvolvimento de pensamento crítico, além do estímulo e mediação do debate entre todos. A entrega de uma apresentação de *slides* ou de um relatório sobre a mediação pode ser útil para registro da atividade.

Ao final das aulas de debate, e depois que todos os grupos tenham mediado, é feita uma dinâmica de feedback coletivo e autoavaliação, em que estudantes podem dizer o que acharam da experiência, os pontos fracos e fortes da metodologia, dos debates e da mediação. Além disso, podem avaliar seu próprio desempenho como mediadores, e analisarem a experiência.

Conclusão

No geral, tem sido uma experiência bem-sucedida aplicar essa sequência didática ao curso de graduação em moda. Ela já vem sendo aplicada há alguns anos, e todas as turmas que participaram demonstraram interesse pelo assunto. Com a popularidade de *reality shows* sobre *drag queens* e de influenciadores e artistas *drag*, o assunto se demonstra atual e faz parte do universo dos estudantes. Em todas as turmas, havia pelo menos um aluno ou uma aluna que praticava *drag*, e eles participaram com muito interesse da discussão. Em mais de uma ocasião, esses alunos foram à faculdade “montados” em *drag* especificamente para a aula.

Para mais, estudantes que antes não tinham tido nenhum contato com o universo *drag* ou que tinham preconceitos a respeito se viram na oportunidade de conhecer melhor o assunto, elucidar desinformações prévias e assumir uma postura de escuta e aceitação de colegas de gêneros e sexualidades dissidentes.

Desse modo, é muito importante o momento de discussão entre alunos com pouca ou nenhuma interferência do professor, para que se crie um ambiente coletivo de troca e de construção de conhecimento, sem hierarquias nem verdades absolutas. O papel dos mediadores é oferecer uma estrutura e um caminho para a discussão, mas nunca censurar ou reprimir qualquer ideia ou dúvida.

Consequentemente, o papel do docente nesta sequência didática é auxiliar os alunos nessa troca, e por fim traduzir conceitos de teoria de gênero de forma que os alunos possam aplicar ao tema discutido, ao curso e a suas vidas profissionais. E além disso, oferecer indicação de bibliografia complementar, caso estudantes queiram se aprofundar na questão.

Referências Bibliográficas

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: Os limites discursivos do “sexo”. São Paulo, N-1 Edições, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CIAMPA, Antonio da Costa. Identidade. In: LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley (Org.). **Psicologia Social**: o homem em movimento. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. p. 58-75.


DE LAURETIS, Teresa. "A tecnologia de gênero". In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural**. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 206-242.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SILVA, Leon Souza. **We're born naked and the rest is drag: vestimenta, corpo e personagem das drag queens de fortaleza**. 2017. 45 f. TCC (Graduação) - Curso de Design-Moda, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/32657/3/2017_tccII_issiIva.pdf-1.pdf. Acesso em: 29 set. 2020.

SOARES, Gilberta Santos. **Sapatos tem sexo?: metáforas de gênero em lésbicas de baixa renda, negras, no nordeste do brasil**. 2016. 278 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23896>. Acesso em: 29 out. 2020.

VENCATO, Ana Paula. Fora do armário, dentro do closet: o camarim como espaço de transformação. **Cadernos Pagu**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 24, p.227-247, jan. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n24/n24a11.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2020.

A vertical bar on the left side of the page, composed of horizontal stripes of the rainbow colors: purple, blue, green, yellow, orange, and red.

10. Erre,de Respeito. Respeito ao próximo, respeito à diversidade

Roseli Trevisan Campos



Introdução

Em pleno século XXI, a discussão sobre o respeito ao próximo parece ter um longo caminho a percorrer. Ao abrir o jornal, ao assistir o noticiário na TV, nos deparamos com notícias que apontam para a falta de respeito ao próximo. Seja pela cor da pele, pela religião, pela nacionalidade, pela orientação sexual, o fato é que precisamos urgentemente falar sobre isso.

Este estudo será sobre Diversidade Sexual, não se pretende aqui esgotar o tema, e sim, apresentar uma sugestão de abordagem em sala de aula, de maneira aberta e didática convidando os estudantes a compreender questões como sexualidade, gênero e orientação sexual. Tema pertinente, não só para ser abordado em sala de aula, o ideal seria compartilhar com a comunidade acadêmica, de modo que todos possam entender e respeitar os demais colegas dentro de suas opções de vida e de orientação sexual.

A importância do debate sobre os temas Sexualidade e Gênero, se faz presente em todas as áreas do conhecimento, a orientação sexual é individual e particular. Na década de 1960 surgiu na Europa a sigla GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) com o passar do tempo, mudou e incluiu bissexuais e travestis, segundo Brittes 2020, “devido a pluralidade de orientações e comportamentos a sigla evoluiu para LGBTQIA+, com o objetivo de incluir o maior número de identidades, orientações e comportamentos”.

A proposta para tratar desse tema é usar a dinâmica da Sala de Aula Invertida, a partir da apresentação do tema: “Mercado de

trabalho para LGBTQIA+”, através de seminários para apresentação em grupo.

Curso de graduação

Entendemos que os conteúdos sobre Diversidade Sexual, Sexualidade e Gênero podem ser incluídos nos cursos superiores, tanto em cursos de tecnologia como em cursos de graduação. Tendo em vista que a partir da graduação, o aluno está prestes a ingressar no mercado de trabalho, seja através de estágios ou mesmo de vagas efetivas, no ambiente corporativo e na sociedade em geral, devemos respeitar, incluir e interagir com diversas pessoas diferentes, daí a riqueza da vida em sociedade, própria dos seres humanos.

O mercado de trabalho, costuma ser diferente do ambiente familiar no qual o aluno está inserido, certamente vai conhecer novos indivíduos que começam a fazer parte do cotidiano do estudante, e cada vez mais, será preciso respeitar e conviver com as ricas diferenças entre as pessoas, cada uma com seu brilho pessoal.

Segundo Beck, podemos considerar a sala de aula como um modelo de ambiente educativo que vai além do meio físico e didático, considerar as interações que se produzem nesse meio, a sala de aula, torna-se um ambiente propício para ser acolhedor e receber a todos de maneira inclusiva, com respeito pelas diversas opções contidas e tratadas pela sigla LGBTQIA+, e quem mais chegar.

Entendemos que é um lugar para debater questões do cotidiano, discriminação e preconceito não constroem relações produtivas, ao contrário, destroem o que poderia ser um ambiente saudável, que vai além do modelo do ensino aprendizagem.

Disciplina

As instituições de ensino precisam adequar seus conteúdos aos anseios e mudanças do mundo contemporâneo, os cursos superiores, tanto tecnólogos como de graduação, são planejados para formar gestores e profissionais para o mercado de trabalho, possuem disciplinas nas quais os conteúdos sobre Diversidade Sexual, Sexualidade e Gênero podem fazer parte da grade curricular, pois estão ligadas ao comportamento humano.

Como sugestão de estudo para a inclusão do tema LGBTQIA+ nas grades curriculares, sugiro que sejam incluídas nas disciplinas a saber: Responsabilidade Social, Responsabilidade Social e Corporativa, Projetos Integradores de Temas Transversais, Gestão de Pessoas, Qualidade de Vida e Segurança no Trabalho, Saúde Pública, Liderança Cultura e Comportamento Organizacional, Optativa, Atividades Complementares etc.

A sugestão da inclusão desse tema, tem o objetivo de oferecer aos alunos a possibilidade de aumentar seus conhecimentos e compreender de maneira clara e objetiva as questões relativas a orientação sexual, sexualidade e gênero, possibilitando assim, melhor convívio social, seja na empresa ou na sociedade.

Tema da aula

A temática da aula será a abordagem do “Mercado de trabalho para LGBTQIA+”, serão levantadas informações de como as empresas lidam com a diversidade sexual. Como são tratados os assuntos: preconceito, discriminação, tratamento referente ao nome social no ambiente de trabalho.

Nesse contexto, vamos abordar as principais dificuldades do público LGBTQIA+ na disputa por uma vaga de emprego. Desde março de 2020 o Brasil e o mundo estão enfrentando a pandemia do COVID 19, a Agência IBGE notícias divulgou em abril de 2020: “O Brasil soma 12,9 milhões de desempregados”, o índice considerado preocupante naquela ocasião, não apresenta até o momento mudanças positivas.

O cenário é desafiador para todas as pessoas que estão em busca de colocação no mercado de trabalho, em particular para as pessoas LGBTQIA+, que precisam vencer o preconceito e a discriminação. Sobre a redução das desigualdades, a ONU (Organização das Nações Unidas) criou 17 Objetivos Sustentáveis no Brasil, o de número 10 trata da Redução das Desigualdades, o item 10.2 diz:

Até 2030, empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra”. Será que até lá conseguiremos ao menos reduzir as desigualdades?

Esse é o cenário se apresenta, entre outras coisas, promover a inclusão social.

Conteúdo

A sugestão de material de pesquisa e referência para os estudos é que sejam consultados dois conteúdos: Uma pesquisa realizada em 2015 pela Agência Santo Caos, que trata da temática do preconceito no ambiente de trabalho, e também como as empresas se

colocam diante do tema. A pesquisa traz importantes conteúdos e apresenta um estudo feito em 14 estados do Brasil com dados relevantes e perfil dos respondentes, o que nos ajuda a traçar um cenário sobre o assunto.

Sobre o material do Senac SP, encontramos as definições dos conceitos sobre Diversidades Gênero e Sexualidade, apresentação de depoimentos de dois professores convidados a falar sobre o tema Gênero e Sexualidade entre outras informações de igual relevância. Nele encontramos também as definições da sigla LGBTQIA+. Os materiais devem ser acessados nos links descritos no rodapé.²⁵

Objetivos

Objetivos gerais

- Auxiliar estudantes e demais pessoas no ambiente acadêmico a compreender a temática LGBTQIA+
- Apresentar e descrever cada conteúdo representado e contido na sigla LGBTQIA+
- Auxiliar a confecção de um panorama relativo ao mercado de trabalho.

25 <https://www.santocaos.com.br/biblioteca/demitindo-preconceitos-apresentacao-final.pdf> e

https://www.cursosead.sp.senac.br/diversidade_genero_sexualidade/?utm_source=pushnews&utm_medium=pushnotification&utm_campaign=PushDiversidade&utm_term=PushDiversidade

Objetivos específicos:

- Identificar a existência de preconceitos,
- Em caso positivo, descrever quais são
- O que as empresas fazem para a inclusão social de LGBTQIA+ no ambiente de trabalho

Metodologia

A metodologia escolhida foi a dinâmica da sala de aula invertida, ou *flipped classroom*, uma metodologia ativa que convida o aluno a ser protagonista de seus estudos e o coloca a produzir e apresentar o conteúdo desenvolvido, sendo previamente orientado e direcionado pelo professor em sala de aula. Sobre metodologias ativas, elas são um estudo recente, feito a partir de 2007 pelos professores Jonathan Bergman, Karl Fisch e Aaron Sams, nos Estados Unidos. A referida metodologia pode tornar-se uma importante ferramenta pedagógica no ensino-aprendizagem, pode ser aplicada em cursos presenciais e à distância, oferecendo a possibilidade de resolução de problemas-chave propostos pelo professor, que por sua vez, pode realizar debates e discussões sobre qual a melhor forma de resolver os citados problemas, apresentando-se como um modelo colaborativo de aprendizagem.

Segundo Sams (2018): “O momento em que os alunos realmente precisam da minha presença física é quando empacam e carecem de ajuda individual. Não necessitam de mim pessoalmente ao lado deles, tagarelando um monte de coisas e informações; eles podem receber o conteúdo sozinhos”. Desta forma, surgiu a sala de

aula invertida, feita, a partir das aulas para que os alunos assistissem em casa, no melhor horário

Com o Instituto SOS Professor, entendemos que essa dinâmica apresenta algumas vantagens, a saber: “Os alunos tendem a ter um melhor desempenho quando controlam o quando, onde e como eles aprendem, o tempo em sala de aula pode ser utilizado para a coleta de dados, colaboração e aplicação dos conceitos, os alunos com dificuldades de aprendizagem caminham em ritmo próprio, participando dos grupos colaborativos que mais atendam suas necessidades”, dentre outras.

A partir da introdução ao assunto apresentada pelo docente, o aluno receberá a indicação de materiais, podem ser textos, livros, vídeos, sites etc. Ele terá total liberdade para criar e apresentar seus trabalhos. O passo mais importante é que o trabalho é feito em grupo, com a participação de cada um dos integrantes criando e interagindo, quanto maior for a sintonia deles, melhor será o resultado. Mais ainda, o professor deixa o papel de transmissor de informações prontas e pensadas, e por sua vez, o aluno deixa de ser um receptor passivo. Dessa dinâmica de trabalho podem surgir peças teatrais, seminários, filmes, diálogos, música, jogos e tudo mais que a criatividade permitir, aliás ela é sempre estimulada pelo professor que propõe a metodologia. Seguindo o esquema abaixo:



Figura 10.1: Esquema básico da sala de aula investida. Fonte: Schmitz (2016, p. 67).

Para o melhor entendimento dos alunos, o professor deve preparar um conteúdo antes da aula e compartilhar, nesse momento eles devem recordar e compreender. Durante a aula, os alunos devem esclarecer dúvidas, a partir daí devem: aplicar, analisar, avaliar e criar conteúdo a partir do tema proposto. Depois da aula revisam o conteúdo para recordar, compreender, aplicar, analisar, avaliar e criar. Dessa forma todos participam do processo ensino aprendizagem, podendo criar conteúdos construtivos.

A título de exemplo ao trabalhar a disciplina Liderança Cultura e Comportamento Organizacional, num curso de tecnologia em Recursos Humanos, podemos seguir a tabela:

Tabela 10.1: Descrição da sequência didática

Etapas	Descrição	Duração
Antes da Aula	Preparação pelo professor	2 horas
Durante a Aula	Tirar dúvidas	3 horas
Próxima Aula	Apresentação dos grupos	3 horas

Recursos

Durante a aula serão usados os slides previamente produzidos pelo professor para contextualizar o conteúdo, pode ser usado também um vídeo para melhor elucidar a proposta. Para estes exemplos serão usados os materiais citados no item conteúdo.

Avaliação

Será avaliada a capacidade de interação entre os alunos, de cooperação, de trabalho em equipe. A proposta de autoavaliação será aplicada, e validada ou não pelo professor.

Conclusão

Com esse estudo pretende-se apresentar a possibilidade de trabalhar temas complexos, porém importantes, através da metodologia ativa sala de aula invertida. Uma ferramenta dinâmica que pode fazer parte do currículo escolar por ser uma prática pedagógica relativamente nova, tendo sido pesquisada desde 1990, porém em 2007 tomou forma nos Estados Unidos da América, com os

professores Jonathan Bergman, Karl Fisch e Aaron Sams. Conforme relatado no decorrer desse estudo.

Por ser dinâmica ela pode ser utilizada algumas vezes durante o semestre, cabe dizer que ao colocar o aluno como protagonista de seus estudos, damos a ele a possibilidade de melhor desenvolvimento a partir da atitude de pesquisar, ler, interagir, ter contato com problemas apresentados em estudos de caso e tornar-se um formador de opinião a partir dos estudos realizados e resultados obtidos.

Um grande desafio se apresenta atualmente, manter os alunos na sala de aula e, mais ainda, mantê-los interessados e produtivos, através de práticas pedagógicas modernas é possível perceber uma certa mudança no comportamento deles, da falta de interesse em assistir aulas passivamente, sem qualquer participação para alunos interessados, ativos e respeitosos com seus pares. Na prática entendemos que é possível despertar o interesse dos alunos ao convidá-los a fazer atividades mais produtivas e dinâmicas, oferecendo a possibilidade de criar, desenvolver e apresentar os conteúdos estudados.

Ao trabalhar temas delicados ou não, o fato é que podemos através do trabalho em sala de aula, despertar nossos alunos para praticarem a inclusão social, sem julgamentos, sem juízo de valor, apenas e tão somente o respeito pelo próximo, respeito pela vida.

Entender que LGBTQIA+ é um grupo de indivíduos composto não só por pessoas e sua orientação sexual, e sim, também pela identidade de gênero e comportamento sexual, é um tema amplo e delicado que deve ser abordado com muito respeito e nada de preconceito, pois são escolhas individuais.

Referências Bibliográficas

BECK, Caio. Sala de Aula: uma nova percepção. Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/sala-de-aula/>. Acesso 01.out.2020.

BERGMANN, Jonathan Sams Aaron. **Sala de aula invertida**: uma metodologia ativa de aprendizagem. Tradução Afonso Celso da Cunha Serra. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2018. Disponível em : <https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/Sala-de-Aula-Invertida-Uma-metodologia-Ativa-de-Aprendizagem.pdf>>. Acesso 01.out.2020.

BRITTES, Adriano. **Diversidade Para Docentes, Um Processo de Aceitação**. Outubro de 2020. Amazon.com.br (eBook Kindle).

CASTANHA, Ana. Projeto Diversidades. Diversidade Gênero e Sexualidade. Disponível em: https://www.cursosead.sp.senac.br/diversidade_genero_sexualidade/?utm_source=pushnews&utm_medium=pushnotification&utm_campaign=PushDiversidade&utm_term=PushDiversidade, Acesso 25/05/2020>. Acesso 01.out.2020.

CISCATI, Rafael. Disponível em: https://www.brasilledireitos.org.br/noticias/500-por-que-a-sigla-lgbti-mudou-ao-longo-dos-anos?gclid=Cj0KCQjwtsv7BRCmARIsANu-CQeB2uG1S22JdtZP15S4MxPJos08Vh5e5Y4wmX2zlNdQWcMZAtyOvHYaAjnOEALw_wcB>. Acesso 01.out.2020.

Da redação. Coronavírus: Quase 10 milhões de brasileiros perderam renda em maio. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/coronavirus-quase-10-milhoes-de-brasileiros-perderam-renda-em-maio/>>. Acesso 01.out.2020.

Nações Unidas Brasil. Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 10. Redução das Desigualdades. Reduzir as desigualdades no interior dos países e entre países. Disponível em: <<https://brasil.un.org/index.php/pt-br/sdgs/10>>. Acesso 01.out.2020.

NERY, Carmem. Desemprego avança em 11 estados no 2º trimestre; Amapá e Pará têm queda. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28700-desemprego-avanca-em-11-estados-no-2-trimestre-amapa-e-para-tem-queda> . Acesso 01.out.2020.

Origem do Setembro Amarelo: Como surgiu o movimento de prevenção do suicídio. Disponível em: <https://gntech.med.br/blog/post/origem-setembro-amarelo-prevencao-suicidio>. Acesso em 01/09/ 2020. Acesso 01.out.2020.

Sala de aula invertida: você na liderança do seu futuro. Disponível em: <<https://www.ucv.edu.br/conteudo/2019/12/sala-de-aula-invertida-voce-na-lideranca-do-seu-futuro/>>. Acesso 01.out.2020.

SCHMITZ, Elieser Xisto da Silva; REIS, Susana Cristina. Sala de Aula Invertida: Investigação Sobre o Grau de Familiaridade. Conceitual Teórico-Prático Dos Docentes Da Universidade. Universidade Federal de Santa Maria em 13/12/2016.

SOLDATELLI Jean; FRANÇOLIN, Guilherme. Demitindo Preconceitos Porque as empresas precisam sair do armário.

SOLDATELLI Jean; FRANÇOLIN, Guilherme. Como sair do armário, uma conversa real. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ui0XqRU6RSQ>>. Acesso 01.out.2020.

Organizadores e autores



Organizadores

Daniel Manzoni de Almeida

Professor e pesquisador em cultura e educação científica; e Escritor de literatura. Graduado em Ciências Biológicas, Filosofia e Letras. Mestre e Doutor em Ciências Biológicas. Pós doutorado em Ensino de Biologia/Ciências. Atualmente é Docente nos cursos de graduação (início 2016), docente no programa de mestrado profissional em Saúde Ambiental (início 2019), Coordenador de linha de pesquisa em ensino de ciências (início 2018), Líder em pesquisa e inovação em ensino, Líder do Programa de Iniciação científica, Líder do Programa de Monitoria para graduação (início 2019); Editor-Chefe da Revista Atas de Ciências da Saúde (ACIS) (início 2018); Coordenador do Núcleo de Gênero e Sexualidade (NUGE) da Escola da Saúde do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas. Tem experiência com ensino e cultura de ciências para o ensino básico e superior; ensino de ciências por investigação; formação de professores e pesquisadores. Na literatura tem foca em escritos de cultura LGBTQI+ com publicação de 2 livros, participação em coletânea de 2 livros de contos LGBTQI+ e publicações de contos e poesias em revistas acadêmicas especializadas em literatura

Davi Sanches Silva

Biólogo (FMU) e Mestrando no Programa de Pós-graduação em Ensino e História das Ciências e Matemática (UFABC). Possui experiência com educação não formal e na área técnica laboratorial. Pesquisa principalmente sobre gêneros e sexualidades na área da Biologia e Saúde. É pesquisador no

Núcleo de Gêneros e Sexualidades (NUGE) e no Grupo de Estudo e Pesquisa em Ensino de Ciências (GEPEC).

Joao Rodrigo dos Santos Silva

Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2006), possui mestrado em Ciências/Botânica pelo Programa de Pós-Graduação em Botânica da Universidade Estadual de Feira de Santana. Possui doutorado pela Universidade Estadual de São Paulo no programa de Botânica do instituto de biociências com projeto voltado para o Ensino de Botânica. Atualmente é professor da Universidade Federal do ABC. Atua principalmente nos seguintes temas: ensino de Biologia e formação de professores

Autores

Ângela Esteves Modesto

Graduada em Psicologia, Mestre e Doutora em Educação. Docente no curso de Psicologia do Centro Universitário FMU-FIAM/FAAM.

E-mail: angela.esteves.modesto@gmail.com

Charlie Drews Tomaz dos Santos

Historiador, pedagogo e mestre em ensino e história das ciências e da matemática pela UFABC.

Contato: charlie.drews@ufabc.edu.br

Davi Silva Vale Nascimento

Biomédico, habilitado e pós-graduado em bioimagem pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Docente do ensino superior. Especialista em Gestão em saúde pela UFRB. Mestrando em Patologia Humana e experimental pela UFBA/FIOCRUZ. Criador e administrador do DR Biomed concursos. Nordeste e gay.

Contato: davi.nascimento@ftc.edu.br

Elisangela Peña Munhoz

Advogada, mediadora de conflitos e professora universitária da Escola de Direito do Complexo Educacional FMU-FIAM FAAM. Mestre em comunicação e semiótica pela Universidade Católica de São Paulo. endereço eletrônico: contato@elismunhoz.com.br.

Helder Thiago Maia

Doutor em Literatura Comparada (UFF, 2018), realiza estágio de pós-doutoramento, com bolsa da FAPESP, na Universidade de São Paulo. É pesquisador do NuCuS, da Universidade Federal da Bahia, e pesquisador associado da Red LIESS, da Espanha. É editor da Revista Periódicus (UFBA).

Helena Amstalden Imanishi

Mestre e Doutora em Psicologia pela USP; Psicanalista; Professora e supervisora clínica de cursos de Psicologia (Graduação e Pós-graduação).

Juliana Santos Graciani

Doutorado em Psicologia Social-PUC (2015), Mestre em Gerontologia Social- PUC (2010), Especialista em Arte e Desenvolvimento Humano- Faculdade Messiânica (2015) e Psicologia Transpessoal (2019) - UNIPAZ/SP, Psicóloga Clínica, Jurídica e Comunitária-PUC (2002), Pedagoga-UNIP (2015) e Teóloga-UNINTER (2019). Atualmente é professora da graduação em Psicologia das Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU. E-mail: gracianiresponde@gmail.com

Luciana de Magalhães Pereira

Mestre em Administração pela PUC-SP, Especialista em Administração de RH pela UNIP, Graduada em Turismo pela USJT. Professora universitária dos cursos na área de negócios da FMU. Mentora de carreira formada pela Escola de Mentores.

Manuel Fabrício Alves de Andrade

É ator, *drag queen* e professor. Doutor em Artes Cênicas pelo PPG em Artes, Instituto de Artes, Unesp. Leciona nos cursos de licenciatura e bacharelado em Artes Visuais, da FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas).

Natalia Rosa Epaminondas

Artista, pesquisadora, professora e consultora. Mestre em Design pela Faculdade Anhembí Morumbi. Pós-Graduada em Moda & Criação pela Faculdade Santa Marcelina. Bacharela em Design de Moda pelo Centro Universitário Senac São Paulo. Atualmente, é professora na FMU/FIAM-FAAM na graduação de Moda e coordena o grupo de estudos Às Avestas: moda, gêneros, sexualidades e decolonialidades.

Roseli Trevisan Campos

Mestre em Comunicação, Professora Universitária,
Conteudista, Consultora de Negócios.